



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Ênfase em Conhecimento Ambiental

MOÃ KA'AGUY REGUA - TEKOA MBIGUAÇU:
As memórias das plantas medicinais

Daniel Timóteo Martins

Kuaray

Florianópolis, 2020

MOÃ KA'AGUY REGUA - TEKOA MBIGUAÇU:

As memórias das plantas medicinais

DANIEL TIMÓTEO MARTINS

Kuaray

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado na Área de Conhecimento Ambiental, sob a orientação da professora Nádia Heusi.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Gerência Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Daniel Kuaray Tim teo
MO^KA AGUY REGUA - TEKOA MBIGUA'U : As memórias das
plantas medicinais / Daniel Kuaray Tim teo Martins ;
orientador, Nêdia Heusi Silveira, 2020.
88 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. plantas medicinais guarani. 3. memória. 4.
Tekoa Mbigua u. 5. saúde indígena. I. Silveira, Nêdia Heusi.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico Daniel Timóteo Martins, matrícula n.º 16105920, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "MOÃ KA'AGUY REGUA - TEKOA MBIGUAÇU: As memórias das plantas medicinais", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2020.

Nádia Keuni Sibani

Orientadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dez dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10:30 horas, na Sala 110 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora, Orientadora Nádia Heusi Silveira e Presidente, Professora Esther Jean Langdon, Titular da Banca, e Viviane Coneglian C. de Vasconcelos, Suplente, designados pela Portaria nº 26/2020/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Daniel Kuaray Timóteo Martins, subordinado ao título: "MOÃ KA'AGUY REGUA - TEKOA MBIGUAÇU: as memórias das plantas medicinais". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Esther Jean Langdon, a nota final 10, da Professora Viviane Vasconcelos, a nota final 10, e do Professor Nádia Heusi, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10,00 acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 10 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Profa. *Esther Jean Langdon*

Profa. VIVIANE VASCONCELOS

Profa. *Nádia Heusi Silveira*

Candidato *Daniel Timóteo Martins*

Dedico esse trabalho a memória de minha mãe, Maria Erma Martins, e a toda a minha família Guarani de Tekoa Mbiguaçu.

AGRADECIMENTOS

É com muita gratidão que eu dedico este trabalho à memória de minha mãe dona Maria Erma Martins, a dona Takua, que foi uma mestra em minha vida. Também agradeço a minha comunidade Yyn Morontchi Whera, da Terra Indígena Mbiguaçu, no estado de Santa Catarina. Também dedico às nossas lideranças e, principalmente, ao cacique Hyral Moreira e sua esposa, a dona Celita Antunes; aos anciões que foram os fundadores da minha aldeia, os senhores Alcindo Whera Tupã e dona Rosa Poty Dja; aos meus familiares que me incentivaram durante todo o percurso; aos meus amigos indígenas e não-indígenas, que de alguma forma fizeram parte da minha vida; aos meus alunos e amigos, professores da Escola de Educação Básica Whera Tupã Poty Djá. Agradeço também aos professores e coordenadores, secretários da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Agradeço toda educação corporal Guarani que a minha família me ensinou, a sabedoria das plantas medicinais que foi repassada para mim. Agradeço a Nhanderu ete e Nhandetchy ete.

Aguydjevete!

Nós somos a natureza

Nós somos a própria Terra, a terra é a nossa mãe, das matas nos purificamos...

A verdadeira sabedoria está na natureza

Deixamos as nossas marcas guarani através dos ensinamentos da nossa Mãe

E assim viveremos para sempre fazendo parte de um mesmo ciclo sagrado, como um só Ser.

Daniel Kuaray

RESUMO

A presente pesquisa trata das formas tradicionais de aprendizagem e sabedorias das plantas medicinais guarani da minha família e da minha comunidade, Tekoa Yyn Morontchi Whera (T.I. MBIGUAÇU), localizada no litoral de Santa Catarina. A partir da minha vivência como Guarani Nhandeva-Tchiripa, trago a memória e o meu aprendizado do dia a dia e das relações sociais com a comunidade. As plantas medicinais são um dos fundamentos principais para a educação corporal guarani, elas fazem parte das narrativas de criação de mundo e do reconhecimento do território tradicional. Apresento a genealogia e a caminhada da minha família até a comunidade Mbiguaçu, trago também o *Nhandereko* (modo de vida guarani) e as organizações internas, associados ao uso das plantas medicinais e à nossa cosmologia, bem como ao *mborai*, *edjerodjyi* (canto e dança) e outros rituais necessários para o fortalecimento do *nhee* (espírito). Descrevo a importância e o respeito aos espíritos das plantas e o modo como devem ser tratadas. Por fim, comento experiências do saber tradicional, repassado na escola como uma maneira de resistência e resiliência.

Palavras-Chave: Plantas Mediciniais; Guarani; Memória; Terra Indígena Mbiguaçu

RESUMO EM GUARANI

Ha'evete tcherentãrã Kuery tekoa M'Biguaçu pygua. Ha'evete tcheryke'y Kuery, tchereindy Kuery. Kova'e ma adjapo Nhandereko regua, djatchauka avã. Ha'evete Tchedjaryi Kuery, Tcheramoin Kuery. Kova'e ma adjapo Nhandereko regua atchauka avã Kyringue pe, ha'egui onhembo'e va'e Kuery pe. Kova'e Projeto de pesquisa ma Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica UFSC py guarã. Ambopara avã Moã regua, Teko regua, Mborai regua, Djerodjy regua, Nhanderamoin Kuery ayu regua. Ha'evete Nhombo'ea Kuery, ha'evete Mboruvitcha Kuery. Ha'evete Há'i rãguerã'in. Kova'e Trabalho ma djatchauka avã Nhandereko regua.

Palavras-Chave: Moakaguy regua; Guarani; Tekoa Mbiguaçu; Moãkaaguy regua

LISTA DE FIGURAS E TABELA

Figura 1: <i>Tchedjaryi</i> Vitorina Pará, Aldeia Morro da Palha	18
Figura 2: Crimaco e Daniel Kuaray, ilha de Paranaguá	18
Figura 3: Dona Maria Takua.....	19
Figura 4: Dona Rosa Poty Dja e o senhor Alcindo Whera Tupã.....	22
Figura 5: Imagem da <i>Opy</i>	28
Figura 6: Desenho o tempo guarani: <i>Ara Yma, Ara Pyau</i>	30
Figura 7: A escola da aldeia.....	31
Figura 8: Sofia e Alisson, mexendo com a terra nas aulas sobre plantio	32
Figura 9: <i>Opyi</i> : a casa de reza da escola, o espaço do fogo e da roda de <i>petyngua</i>	33
Figura 10: A aula sobre o bioma da Mata Atlântica	34
Figura 11: Suellem e Alisson, a mãe estudante guarani na escola	40
Figura 12: Avatchin - o homem branco (<i>avatchi</i>).....	42
Figura 13: Foto da colheita do milho, Allan Yvydju	43
Figura 14: Mulheres colhendo a espiga, momento ritualístico	44
Figura 15: Dona veronica, YRY, mostrando o <i>avatchi ovy</i>	44
Figura 16: As mulheres pegando o <i>avatchi</i>	45
Figura 17: <i>Tchedjaryi</i> (avó) dona Rosa ralando o milho, alimento da alma	46
Figura 18: A representação de Nhamandu.....	48
Figura 19: Crimaco, em 1975, no município de Camaquã, Rio Grande do Sul.....	49
Figura 20: <i>Kaa</i> , a erva-mate, aldeia Mbiguaçu	49
Figura 21: As meninas no coral.....	52
Figura 22: Ketlyn, kunhatain Keretchu, o <i>takuapu</i>	53
Figura 23: A criança aprendendo com mãe a macetar a <i>takuara</i>	54
Figura 24: A construção do telhado da <i>Opy</i>	54
Figura 25: Telhado da <i>Opy</i> feito de <i>takuara</i>	55
Figura 26: O <i>tchondaro edjerodjy</i> , a roda de conversa, iniciando a dança	57
Figura 27: Arrumando o espaço para colocar o <i>petyngua</i> antes de começar a dança, Gennis Martins.....	57
Figura 28: Djatchuka (Celita) e sua filha Takua (Aline) limpando as medicinas	60

Figura 29: <i>Opy</i> - casa de reza da comunidade de Mbiguaçu.....	62
Figura 30: <i>Pindó</i> , a palmeira, aldeia Mbiguaçu	67
Figura 31: O Kurupira	71
Figura 32: O Djatchy Djatere	72
Figura 33: A representação do <i>Moã Dja</i>	74
Figura 34: Fotos dos alunos registrando as plantas	82
Figura 35: Aluno reconhecendo a planta medicinal	83
Figura 36: Os professores Adailton e Anildo fazendo o <i>petyngua</i>	84
Figura 37: O <i>petyngua</i> (cachimbo sagrado).	84
Figura 38: Takuadju (Franciele), aluna, e as Cerâmicas Guarani.....	85
Figura 39: A mandala de Nhamandu (Sol), a energia da Terra.....	86
Tabela 1: Plantas e os seus usos	78-81

LISTAS DE SIGLAS

SPI - SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO INDIO

FUNAI - FUNDANAÇÃO NACIONAL DO INDIO

SESAI - SECRETARIA DE SAUDE INDIGENA

T.I. - TERRA INDIGENA

Sumário

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
RESUMO EM GUARANI	7
LISTA DE FIGURAS E TABELA	8
LISTAS DE SIGLAS	10
1. APRESENTAÇÃO	13
2. INTRODUÇÃO	14
2.1. Genealogia e autobiografia	16
3. CAPÍTULO 1: NHANDEREKO – TEKOA MBIGUAÇU	23
3.1. Histórico da aldeia	23
3.2. As fases da vida guarani e o Nhandereko	24
3.3. A organização social da Tekoa Yyn Morontchi Whera - Mbiguaçu	27
Nhandereko	28
A economia da aldeia	28
A roça comunitária	29
As cerimônias religiosas	29
A escola da aldeia	30
A organização política	34
3.3.1. Procedimentos de Consulta Prévia a serem realizados na comunidade	36
4. CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO CORPORAL, PRÁTICAS DE SAÚDE E USO DAS PLANTAS NA COMUNIDADE YYN MORONTCHI WHERA	38
4.1. O Nhemongarai	40
4.2. EDJERODJY MBORAI - a voz e os cantos	51
4.3. TCHONDARO EDJERODJY - a dança do tchondaro	56
4.4. TATAENDY REKOWE - o Fogo Sagrado	58
4.4.1. A entrada dos Djurua kuery na Opy	62
4.5. O tratamento de algumas doenças	65
5. CAPÍTULO 3: AS PLANTAS E O AMBIENTE	69
5.1. As plantas e os seres da mata	69
5.2. As plantas encontradas na mata	75

5.2.1. Kaavó	76	
5.2.2. Moã	77	
6. CAPÍTULO 4: OS ESTÁGIOS NA ESCOLA SOBRE O TEMA AMBIENTAL		81
7. CONCLUSÃO	86	
8. REFERÊNCIAS	88	

1. APRESENTAÇÃO

Há uma infinita sabedoria na natureza, basta procurarmos dentro de nós, pois nós somos a própria natureza. A busca incessante para se tornar um SER Guarani passa por um grande aprendizado a vida toda. Existem muitos rituais necessários para se fortalecer o corpo e o espírito, dentro dessa cosmologia existe uma sabedoria das plantas, um conhecimento tradicional que foi passado adiante por nossos ancestrais.

Assim, desde criança busquei aprender sobre o processo de cura e o uso das plantas medicinais tradicionais guarani. Uma pessoa que não tem o conhecimento guarani enxerga somente mato. Eu, a partir da minha própria experiência e vivência, enxergo plantas medicinais que curam o corpo e o espírito, ao mesmo tempo que vejo e entendo o Yvy Rupá (território).

O trabalho foi realizado na comunidade Mbiguaçu, município de Biguaçu, em Santa Catarina.

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um projeto de pesquisa etnográfica em construção, iniciado no curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica-UFSC, que pretendo dar continuidade na universidade, em que busco entender o processo de cura através das plantas medicinais tradicionais na comunidade indígena de Mbiguaçu, em Santa Catarina.

Por ser indígena e morador dessa comunidade, me baseei na própria cosmologia que traz na mitologia de criação de mundo algumas plantas essenciais para a vida guarani. Em alguns momentos participei de rituais importantes na comunidade, onde houve a utilização das ervas sagradas. Além disso, realizei estágio docência, no segundo semestre de 2018, com um projeto interdisciplinar, cujo tema foi "Ervas Mediciniais Tradicionais Guarani". Na ocasião, trabalhei com os alunos da Escola de Educação Básica Indígena Whera Tupã Poty Dja, localizada em Tekoa Mbiguaçu.

O meu objetivo, o meu propósito, é demonstrar a importância das plantas medicinais para a educação corporal guarani. Essa investigação, também antropológica, percorre o MOÃ KAAGUY REGUA¹, o saber tradicional guarani das plantas medicinais. Começo a mostrar as sabedorias tradicionais da minha família através das narrativas e histórias em que busco entender o processo de saúde e doença, bem como as formas de curas com as plantas e os animais sagrados.

Por ter sempre vivido com uma remedieira ou uma *kunha karai*, a dona Maria Takua, sempre fiz o uso das plantas medicinais como uma forma comum para prevenção e tratamento de algumas doenças. A sabedoria ancestral da utilização dessas ervas medicinais era transmitida através da orientação, da observação e da preparação dos remédios. Todo esse conhecimento foi repassado através da oralidade e guardado na memória.

Com a preocupação de manter vivo esse conhecimento, fiz uma pesquisa etnográfica a partir da minha própria vivência: como indígena e também como pesquisador. Por isso registrei os nomes de algumas plantas, alguns rituais e animais que estão na comunidade de Mbiguaçu, além de observar algumas práticas de prevenção e saúde do corpo e do espírito. Assim, escrevo relatos a partir da memória e da vivência na própria Terra Indígena. Minha

¹Moã kaaguy regua pode ser traduzido por remédios da mata.

principal metodologia e fonte de pesquisa é a história oral (entrevistas). Escrevo em primeira pessoa a partir da minha experiência como pesquisador indígena participativo.

Neste meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: "MOÃ KAAGUY REGUA - TEKOA MBIGUAÇU: As memórias das plantas medicinais", pretendi destacar o conhecimento tradicional das plantas sagradas, bem como as memórias, histórias e as narrativas que são essenciais para produzir o fortalecimento do corpo e do espírito. Nós, Guarani, utilizamos frequentemente esses saberes em relação ao uso das ervas medicinais. Também dou destaque, no título, ao termo *tekoa*, que é a forma de viver bem, e coloco o nome da minha comunidade.

Essa pesquisa ressalta a relação social com o território tradicional e aborda a educação corporal guarani e as formas de saúde e prevenção. Os resultados dessa pesquisa foram: registrar as plantas medicinais do território guarani, em Mbiguaçu, bem como valorizar a cosmovisão tradicional e as falas dos anciões, em relação com as práticas de cura, de saúde e doença.

Na primeira parte desse trabalho, coloco os percursos e considerações sobre a pesquisa etnográfica, para explicar a problemática dessa investigação e descrever o *Nhandereko* (modo de ser guarani) da comunidade de Mbiguaçu. Também coloco algumas biografias e bibliografias necessárias para a construção dessa pesquisa. O uso dessas plantas remete a vários momentos históricos, algumas dessas histórias ficam guardadas nas memórias dos nossos *tcheramoi* (avôs) e *tchedjaryi kuery* (avós), e são repassadas lentamente através de algumas conversas ao redor do fogo ou na roda do chimarrão. Por isso coloco algumas falas nesse segundo momento.

Na segunda parte, faço a descrição de algumas ervas que identifiquei na comunidade, falo dos usos e da sua preparação e discuto a importância desse conhecimento, aprofundo essa investigação através da mitologia e cosmologia guarani. Destaco também a importância da educação corporal guarani através do canto e dança, e o uso das ervas utilizadas nas cerimônias e rituais. Também a importância da agricultura tradicional e o uso das comidas tradicionais como um meio de fortalecer a cultura.

A grafia adotada para as palavras guarani, nesse trabalho, segue as normas da escola da aldeia de Mbiguaçu. Algumas palavras escritas em guarani se encontram em itálico, mas nas citações de autores que também utilizaram as palavras em guarani conservou-se a grafia

adotada pelos professores da comunidade. Por não existir uma escrita padronizada da língua guarani no Brasil, utilizo essa grafia da comunidade de Mbiguaçu, coloco aqui algumas adaptações também dessa grafia na língua portuguesa.

Para começar esse trabalho irei explicar sobre a educação corporal guarani. A **educação corporal guarani** dessa comunidade Mbiguaçu vem através da própria espiritualidade e da relação com a Terra. O corpo não é apenas algo físico, é parte da própria Terra e do Universo, o Ser Guarani precisa sempre fortalecer essa conexão com as divindades e espiritualidade, por isso precisamos de educação corporal.

A educação corporal começa pelos ensinamentos sagrados. A criança aprende ouvindo, observando e praticando a cultura. Essa educação do corpo e do espírito precisa ser feita diariamente e acontece por meio da contação das histórias, da limpeza do corpo, da maneira de plantar e fazer o alimento, do respeito, das cerimônias sagradas e da relação com os outros Guarani. A educação corporal está presente nessas formas de interação entre os velhos e os novos, entre as crianças e os adultos e jovens. Essa educação corporal é uma educação da sociedade guarani, ou seja, toda a comunidade funciona como um único corpo, se um membro está doente, toda a comunidade sofre. A educação corporal, então, é a educação do corpo, do espírito, da relação com o sagrado e o divino e, também, parte do ambiente em que vivemos.

2.1. Genealogia e autobiografia

Nessa parte do trabalho irei começar explicando quem sou eu através da minha genealogia guarani. Meu nome é Kuaray, sou do povo indígena guarani, da Terra Indígena Mbiguaçu, onde faço a pesquisa sobre Moã kaaguy Regua, que é o conhecimento tradicional sobre as plantas sagradas da minha comunidade. A partir das minhas memórias eu começo a recordar sobre os ensinamentos e o reconhecimento da mata. A minha família é uma mistura de povos guarani que vieram da América do Sul, vindo do lado materno do Paraguai (Assunción) e do lado paterno da Argentina (Misiones). Logo que chegaram ao Brasil, o lugar escolhido para fixar moradia foi na Aldeia Indígena Guarani de Limeira, no oeste de Santa Catarina, que se localiza no interior da Terra Indígena Xapecozinho, no município de Ipuacú, onde vivem os Kaingang. Limeira é uma aldeia que fica perto da Argentina e do Paraguai e, normalmente, fazia parte do caminho que os Guarani percorriam antigamente

entre esses três países. Era costume fazer esse trajeto para chegar até outros países, era como se fosse um ponto de encontro entre os Guarani e alguns Kaingang.

A família materna, no Brasil, teve origem nesse local onde há maior concentração de familiar até os dias atuais. É considerada uma família matriarcal, porque a presença feminina é forte em todas as famílias, as mulheres são consideradas os pilares do lar. A família no Brasil começou com meu bisavô Paulino Martins, que foi recrutado para participar da Guerra do Paraguai (1864 a 1870), só que guerrear não estava em seus planos e resolveu correr da guerra. Temendo por perder sua vida fugiu para o Brasil e foi parar na aldeia Limeira.

Nessa Aldeia Limeira casou-se com Rita Martins, nossa bisavó, e teve filhos, inclusive nossa avó, Maria Joana Martins, que nasceu no Brasil. Maria Joana casou-se com nosso avô Estevam Antunes, que era natural do Brasil. Logo tiveram filhos, incluindo nossa mãe, Maria Erma Martins Takuá, que nasceu na aldeia Limeira. Por essas aldeias do oeste, Maria Erma casou com um homem não indígena e teve três filhos: Marli Kerexu, Antônio Carlos Karai Mirim e um menino, que faleceu quando era bebe. Mais tarde, nossa avó casou com outro homem Guarani, Júlio Yapuá, que logo faleceu. Como ele teve mais três filhos: Celita Jaxuká, Marcia Paraguaçu e mais um menino que veio a falecer também.

A situação nas aldeias era pior que hoje em dia, não havia saneamento básico e nem saúde de boa qualidade. Os Guarani viviam com chefes de postos em vez de caciques nas aldeias, por isso haviam muitas mortes, principalmente de crianças e anciões. Muitos dos Guarani foram embora das aldeias no tempo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), entre 1910 e 1967, fugindo da fome e do processo de catequização e evangelização nas aldeias.

A família paterna teve origem na Argentina. Minha bisavó, conhecida como Creta ou Maria Cristina, nasceu em uma aldeia na Argentina e lá mesmo nasceu meu avô, Francisco Timóteo (Crimaco), chamado em guarani de Karai Tataendy Yrapuá. Meu avô nasceu na Argentina e quando veio para o Brasil casou com minha avó Vitorina Benites, a Para. Desse casamento nasceu meu pai, Pedro Timóteo Wherá, conhecido como o famoso Canilho, o único filho da nossa vó e do nosso vô. Dona Creta viveu seus últimos dias na comunidade de Garuva, onde foi uma das fundadoras. Essa aldeia de Garuva fica localizada no norte de Santa Catarina. O Crimaco viveu seus últimos dias na aldeia de Paranaguá, no Paraná, onde foi um dos fundadores.

FIGURA 1: TCHEDJARYI Vitorina Pará, Aldeia Morro da Palha



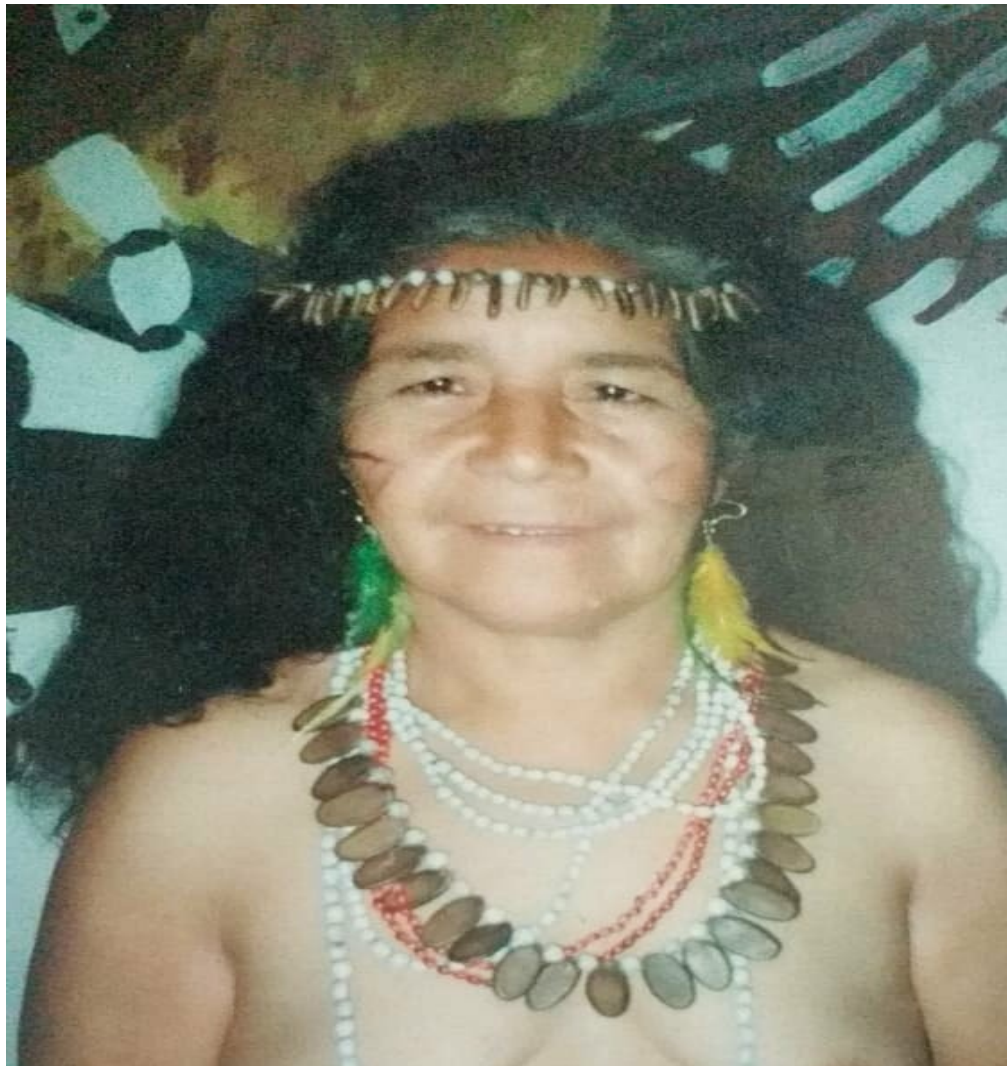
Fonte: Acervo de Dieh Arai, 2014.

FIGURA 2: Crimaco e Daniel Kuaray, ilha de Paranaguá



Fonte: Acervo de Dieh Arai, 2011.

Mais tarde, no Brasil, Maria Erma Takua, nossa mãe, casou-se com nosso pai, Pedro Timóteo, conhecido como Wherá, e teve três lindos filhos: Gennis Ara'í, Davi Wherá e Daniel Kuaray. Nosso pai, logo que se separou de nossa mãe, casou-se com outra mulher e teve mais uma filha: Cristina Para'í, a nossa irmã mais nova. E aí começa a história de uma nova geração, no século XXI.

FIGURA 3: Dona Maria Takua

Fonte: acervo de Daniel Kuaray.

Aqui coloco a relação de irmãos. A Marli Kerexu é minha irmã mais velha, ela tem cinco filhos e tem oito netos guarani. O Antônio Carlos Karai Mirim é meu irmão mais velho, tem cinco filhos e nove netos. A Celita Djatchuka também é minha irmã, tem dois filhos e dois netos. Marcia Paraguaçu tem três filhos e um neto. Gennis Ara'í tem dois filhos e logo um neto e uma neta. Davi Wherá tem quatro filhos e eu, Daniel Kuaray, nenhum filho até o momento. E também a Brenda Kunhatain Yvydju Mirim e Cristina Para'i. Todos esses nossos sobrinhos e filhos tiveram muitos filhos e também netos. E assim nossa árvore genealógica não para de crescer, enquanto uns partem dessa vida para outra nova vida, nova geração surge a cada ano, deixando rastros e vestígios que um dia passaram por aqui também. E, assim, se mantém viva nossa história, vamos deixando registros em diversos locais sagrados e nunca

deixando morrer nossa geração que a cada momento se renova com novas vidas que nascem. Até o momento posso dizer que nossa família é muito grande porque não para de crescer.

Uma questão importante de se colocar nessa pesquisa é o reconhecimento do histórico de vida e as andanças pela *Yvyrupa*, que se estende além da fronteira estabelecida pelos *Djurua kuery*. O Território Guarani é muito mais que uma formalidade ou barreira imposta, nossas famílias sempre fizeram as caminhadas e não nos restringimos apenas em um espaço chamado de país, mas sim em todo território, nosso *Yvyrupa*.

Um dos pontos que eu desenvolvo na minha pesquisa etnográfica é trazer, a partir da minha memória, o reconhecimento das plantas medicinais no modo de ser guarani. Outro ponto importante é trazer essa perspectiva dos olhares da minha família a partir de algumas entrevistas. Esse olhar que trago vem da educação corporal que eu conheci e também das diferenças e misturas culturais guarani da família. A minha família, por ter uma mistura de pessoas que falam vários dialetos guarani, traz consigo diversas narrativas de criação de mundo, da maneira de ver e sentir a energia das plantas medicinais, dos conhecimentos sobre o próprio território e da cosmologia guarani.

Eu nasci na cidade de Sombrio, no ano de 1988, em Santa Catarina. Minha família saiu fazendo as andanças do oeste de Santa Catarina, na aldeia da Limeira, veio percorrendo a Argentina e depois o Rio Grande do Sul, passando em algumas comunidades que hoje são aldeias importantes. Na cidade de Sombrio e na região de Criciúma havia lugares onde os Guarani ficavam acampados e, naquele tempo, eu nasci.

Lembro-me de uma história que contavam sobre um lugar, quando estavam acampados, o dono de uma fazenda perto havia dito que naquele lugar existiam "bugres" que cantavam e tocavam a noite toda e que naquela noite, o Guarani, já de madrugada, em redor do fogo começou a escutar cantos antigos. Aqueles cantos vinham da mata, no outro dia foram procurar de onde saíam aquelas vozes, mas, não acharam o lugar, apenas reconheceram que os cantos eram Guarani e que talvez ali, há muito tempo atrás, existia um *tekoa*.

Após meu nascimento, a família foi morar na cidade de Imbituba, o principal modo de sobrevivência era a caça na mata e a venda de artesanatos. Esse local era no bairro Vila Nova, um lugar onde os Guarani ficavam um tempo, faziam balaio, tinha uma mata que também

dava para se fazer o *mondeu* (armadilha), para pegar o tatu e outros bichos, além de ficar perto do mar.

Mas, com o tempo, os Guarani que ali estavam foram indo embora e ficou apenas a minha mãe, que nos criou ali até meus 12 anos. Havia uma educação tradicional na minha casa, pois ela falava algumas palavras e cantava na língua materna e fazia muitos cestos, nos levava na mata para ensinar os remédios. Ainda assim, houve uma interação com os outros parentes, a minha escolarização foi em português, havia muita discriminação nas escolas onde eu estudei, por falta de conhecimento dos professores sobre a cultura guarani. Uma parte importante dessa história é que minha mãe fazia contato com outros Guarani que moravam na aldeia Morro do Cavalos, na enseada do Brito, também em Guarequeçaba e na aldeia de Paranaguá, onde morava meu avô. Ela sempre nos levava para visitar nossos parentes.

No início dos anos 1990 ela conseguiu fazer contato, também, com a família do senhor Alcindo Whera Tupã e dona Rosa Poty Dja. Eles já se conheciam da aldeia da Limeira. O senhor Alcindo Moreira é um dos fundadores da comunidade, a família de sua esposa, dona Rosa Poty Dja, sempre viveu nessa região de Florianópolis, é uma das famílias tradicionais guarani que sempre viveu na Terra Indígena Morro dos Cavalos, e também fundaram Mbiguaçu. Quando eu tinha 12 anos ela nos trouxe para morar na aldeia de Mbiguaçu.

FIGURA 4: Dona Rosa Poty Dja e o senhor Alcindo Whera Tupã



Fonte: acervo de Celita Antunes

A minha educação começa também a partir desse contato, pois passei a interagir com as pessoas que moram aqui. A dona Celita Antunes casa-se com Hyral Moreira e fazem uma nova aliança entre as famílias. Por ter uma curiosidade muito grande, comecei a aprender sobre as plantas medicinais. Desde pequeno ouvia muita história das narrativas de criação de mundo, de como existia tanta sabedoria e conhecimento em uma planta. Aprendi sobre o respeito em colher uma erva, de como se preparar para a vida, de como ser um Guarani.

A seguir, descrevo a aldeia onde fiz minha pesquisa e explico como nos organizamos a partir do *Nhandereko*.

3. CAPÍTULO 1: *NHANDEREKO* – TEKOA MBIGUAÇU

O *Nhandereko*, o nosso modo de viver, é feito através de várias alianças, costumes e rituais necessários para se viver bem ao longo da vida, para se viver bem em grupo e ter uma longa relação com a natureza e o território em que vivemos. O *Nhandereko* é um termo guarani usado para definir a vida boa, ou a nossa vida guarani, o *teko* é a vida, é o modo de ser e viver tradicionalmente.

O *tekoa* é a vida em conjunto, seja nas relações sociais internas, seja nas relações com a mata, as divindades e o seres da mata. Na comunidade de Mbiguaçu, o *Nhandereko* vem através da língua falada, o Guarani Nhandeva-Tchiripa, das práticas fundamentais no dia a dia, dos cuidados com a saúde e da educação corporal guarani. Isso tudo é o nosso *Nhandereko*.

3.1. Histórico da aldeia

O nome deste *tekoa* é YYN MORONTCHI WHERA, que significa águas cristalinas. Ele fica localizado na BR-101, KM 190, na cidade de Biguaçu, na região da Grande Florianópolis, em Santa Catarina. Ele foi fundado pelo casal o senhor Alcindo Whera Tupã e dona Rosa Poty Dja, no ano de 1987. Esse lugar sempre foi um território guarani, com a presença muito forte dos Guarani no litoral que buscavam a Terra sem males.

Desde muito tempo existiam Guarani morando nessa região de Biguaçu, inclusive tem registros históricos comprovando isso. Um dos anciões fundadores, o senhor Alcindo Moreira ou Whera Tupã, contava muitas historias de nossos antepassados, todo o Guarani conhecia essa terra de Biguaçu, era uma das terras em que se plantava, onde eles também acampavam para pescar. Mas registrada como aldeia ela tem cerca de 30 anos. Foi demarcada em 2003, com 59 hectares, mas o território guarani se estende muito além desse conceito de terreno identificados pelos *Djurua kuery* (não-indígenas).

A organização social da nossa comunidade baseia-se na família extensa, composta por vários membros que juntos formam uma grande família. Atualmente a comunidade tem 150 pessoas, sendo 43 famílias que formam uma só família extensa. A língua falada é Nhandeva-Tchiripa, o som da língua é uma mistura dos dialetos Nhandeva e Tchiripa. Segundo os mais

velhos, esses termos foram dados pelos próprios não-indígenas e, assim, com o passar do tempo, nos autodenominamos.

A maior parte das famílias guarani é matriarcal, as grandes mães, as anciãs, tem o merecido respeito e são consultadas sobre alguns assuntos internos. Nesse meio matriarcal as mulheres do cacique e do vice-cacique também têm função de liderança.

Como lideranças temos o cacique Hyral Moreira, que é uma liderança que luta pelos direitos ao nosso território, seja internamente ou externamente, temos o vice-cacique e as demais lideranças internas: os *Tchondaro kuery*, os homens que protegem a aldeia.

Para ter um bom funcionamento com o *Nhandereko* é preciso que se estabeleça um sistema de regras internas. Uma dessas regras é o viver bem em conjunto, trabalhando na comunidade, plantando, colhendo e participando de alguns rituais de batismo tradicional.

Uma das pesquisas importantes realizadas nessa comunidade foi a de Diogo de Oliveira (2011): "Arandu nhemboe'a: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina". Seu estudo fala sobre o percurso do seu Whera Tupã e Poty Djá até a essa comunidade, de como a aldeia foi criada e, também, das práticas corporais no cotidiano guarani. Ele faz a relação entre a cosmologia, para os Guarani da comunidade de Mbiguaçu, e a importância da medicina tradicional.

A comunidade guarani, segundo as histórias contadas pelos mais velhos, era um lugar onde os Guarani vinham e ficavam um tempo pescando e coletando moluscos, existiam muitas terras e essa era um lugar para descansar. Ao longo do tempo, com a invasão dos *Djurua kuery*, começam então a se retirar desse local. Contudo, as plantas e as histórias contadas ajudam no processo de retomada dessa Terra Guarani. As plantas medicinais são parte da mata, as palmeiras sagradas citadas nas narrativas de criação estão presentes nesse território, além dos cipós e das plantas de poder.

A cultura guarani desta comunidade é única, sendo diferente em diversos aspectos de outras práticas tradicionais guarani, mas a essência do *Nhandereko* se manifesta em todas as aldeias, na nossa maneira de viver bem .

3.2. As fases da vida guarani e o *Nhandereko*

O *Nhandereko* é o modo de ser guarani, é uma forma de viver que inclui regras internas e externas para viver como povo guarani. Todo o Ser Guarani tem, durante toda a sua

vida, os rituais e cerimônias sagradas que deve fazer, participar e praticar. Para explicar um pouco sobre *Nhandereko*, vou resumidamente descrever neste tópico as fases da vida guarani. Esse processo é importante para se ter uma vida social entre as comunidades guarani, por isso voltarei a comentar sobre os rituais e a educação corporal relacionados às fases da vida. Considero que os rituais são eventos com uma ordem que os estrutura, eventos repetidos que têm um sentido coletivo, um significado particular atribuído pelos participantes, que reconhecem sua diferença em relação às atividades comuns na vida diária, como explica Peirano (2002). São ações que expressam nossa visão de mundo, sendo que sua repetição favorece a educação corporal necessária ao *Nhandereko*. Então, seguem algumas fases do Ser Guarani:

A gravidez

Nesse tempo a mulher já tem suas restrições alimentares, o esposo dessa mulher também não poderá caçar, tem que rezar para receber o neném que está vindo. Segundo a mitologia guarani, existem várias terras além desta e o espírito vem dessas outras terras, por isso a mulher e o homem devem estar conectados com a natureza e a espiritualidade guarani.

O nascimento

Esta é uma fase onde os pais tem que ter obrigatoriamente restrições alimentares, não poderão comer carne, e cuidados com o corpo, em que o homem deve se lavar com cinzas. O parto geralmente é feito por parteiras tradicionais.

O *Nhemongarai*

É o batismo tradicional guarani, onde todos comemoram o plantio, cantam e dançam a noite inteira comemorando a fertilidade da terra. Também é a cerimônia em que se dá os nomes sagrados em guarani.

A passagem da criança para a fase adulta

Nestas fases ainda existem restrições, as meninas quando ficam no *jatchy* (lua), quando têm a primeira menstruação, devem ficar em casa sendo cuidada pela mãe e irmãs, aprendendo a fazer os artesanatos. O cabelo da menina é cortado, ela ganha pinturas e fica no mínimo três meses em casa, por isso várias escolas guarani aceitam essas especificidades. O menino deve ter cuidados também, não andando muito na mata, e depois disso alguns ainda

perfuram os lábios. Para eles são ensinados também os métodos de caça e de fazer artesanatos.

A vida adulta e a morte

Nessa fase do Ser Guarani é onde se tem a responsabilidade de repassar os conhecimentos tradicionais, onde a pessoa faz parte de uma organização social, com direitos e deveres para lutar por sua família e seu povo. É onde o adulto planta, ensina a mexer com a terra, mostra as plantas medicinais e faz os rituais sagrados. Na passagem da morte também se faz uma cerimônia em que se passa a fumaça no corpo de quem faleceu, em que o canto, a dança e o rezo se mesclam como uma única unidade para reverenciar o espírito guarani que partiu.

Todas essas fases, que eu coloquei de modo bem resumido, acontecem na vida do Ser Guarani em diversas comunidades, inclusive na minha aldeia. Isso é fundamental para se entender o *Nhandereko*, o modo tradicional de vida guarani. Esse modelo de rituais não se alterou muito durante todo esse processo de invasão e colonização, mesmo tendo influências da cultura não-indígena. Os rituais básicos essenciais permanecem os mesmos, mais a frente irei discutir sobre esses rituais que ainda acontecem nestas fases da vida.

A organização social do *Nhandereko* é ter essa espiritualidade, bem como o reconhecimento das falas dos anciões e das suas vivências. Para se ter todos esses rituais desde a gravidez, o nascimento, as passagens da criança para a vida adulta e também da morte, é necessário ter a Terra. Porque através dela podemos ter o plantio e o cultivo das plantas, a relação com o próprio território envolvendo também os animais e a organização social necessária para se fazer os rituais essenciais para a vida de uma pessoa guarani. A comunidade se prepara para esses momentos durante todo o ano e mantém um calendário comunitário tradicional que fortalece essa forma de Ser Guarani.

O *Nhandereko* é essa forma de interação com a natureza, com o respeito pela terra. O *Nhandereko* é o princípio que rege a vida guarani, são os ensinamentos do dia a dia e também a organização social. Por isso, logo a seguir, vou pontuar algumas formas de organização social interna da minha comunidade.

Na nossa comunidade de Mbiguaçu fazemos com que esse princípio guarani aconteça através dos ensinamentos. Todos esses caminhos são baseados nessa forma do *Tape Arandu*,

do caminho da sabedoria, que são essenciais para o fortalecimento do próprio ser e do desenvolvimento das regras internas necessárias para se viver em União.

Oliveira (2011), traz os conceitos de *Teko* e de *Nhandereko*, ele aponta algumas falas importantes de dois moradores e professores da comunidade em Mbiguaçu, transcreve a fala desse dois interlocutores. Um deles é o pesquisador Geraldo Moreira, que diz: "*O teko é infinito ele é evolutivo, não está pronto mas, ele existe na medida em que as pessoas vão vivendo, se adaptando a cada situação.*" (p. 42). Oliveira faz uma importante discussão sobre o *Arandu* (sabedoria) e o *Arakuaa* (saber espiritual). Segundo ele, essas duas noções de formas de aprender estão ligadas à valorização e ao desenvolvimento de uma sensibilidade do indivíduo (p.43).

3.3. A organização social da Tekoa Yyn Morontchi Whera - Mbiguaçu

A nossa organização social guarani da comunidade de Mbiguaçu vem através do princípio do *Nhandereko*. Esse princípio faz com que saibamos como era o modo de ser guarani desde os primeiros tempos, pois nas nossas narrativas existem vários tempos e esses tempos existiram e irão existir nas nossas memórias.

Ao longo desse tempo e com o contato com os *Djurua kuery*, a vida foi se transformando e os Guarani foram ficando resilientes, transformando-se, mas, mantendo as tradições necessárias para manter sua vida espiritual.

A partir da Constituição Federal de 1988, com os direitos originários garantidos nessa lei brasileira, nós Guarani começamos a entender o processo de demarcação de terras e fomos lutar por nossos territórios e garantir o *Nhandereko*.

A comunidade segue o modo de vida que é ensinado pelos *tcheramoĩ* (avôs) e *tchejaryi* (avós), pelos pais e pela família toda. Logo, temos a relação com a comunidade e assim vai se formando o modo social como queremos. A partir desses direitos garantidos na Constituição conseguimos trazer a escola para a comunidade. Atualmente, colocamos também a escola como um elemento que faz parte dessa retomada da história guarani e também relacionado ao *Nhandereko*.

Segue abaixo uma imagem que eu elaborei como um sistema *Nhandereko* de relação social guarani, com a interação social e as formas de interação e ensinamento circular da aldeia de Mbiguaçu.

FIGURA 5: Imagem da *Opy*



Fonte: Daniel Kuaray, *Nhandereko*, aldeia de MBiguaçu, 2017.

Nhandereko

Esse modo de interação e relação social começa, então, com o aprendizado da língua e dos costumes do dia a dia. Primeiramente é a família que faz esse ensinamento, depois vem a relação com a própria comunidade para aprender os sistemas de regras para um bom convívio, depois vem a relação com a escola. Coloco a *Opy*, que é a casa de reza tradicional guarani, dentro do círculo, por que é a principal fonte de conhecimento tradicional. É onde são contadas as histórias, onde acontece o momento de convívio. Nela são feitos os rituais sagrados e cerimônias onde se canta e dança reverenciando as divindades. Coloco também a escola nesse modo de vida, porque hoje ela faz parte da vida dos Guarani, não necessariamente do *Nhandereko*, mas como um meio de interação entre a comunidade guarani e a sociedade não-indígena. O *Nhandereko* seria essa relação circular, no meu ponto de vista. Temos também a relação comunitária, onde fazemos os mutirões para a limpeza da roça e do próprio *tekoa*. Coloco aqui, ainda, a economia da aldeia, pois alguns moradores são responsáveis por projetos de desenvolvimento sustentável na aldeia.

A economia da aldeia

A economia da aldeia se baseia na venda dos artesanatos que são confeccionados a partir das sementes, dos porungos e de madeiras tiradas da natureza. Também temos

professores indígenas, agentes de saúde, sanitaristas, agentes ambientalistas que trabalham na própria comunidade, além de pessoas que trabalham na cidade. Temos ainda uma trilha, onde recebemos turistas que vêm ver as plantas medicinais ou ouvir as músicas do Coral Yvytchi Ovy (nuvens azuis). A roça comunitária é outra fonte de recursos para a comunidade.

A roça comunitária

A roça comunitária é onde plantamos o milho, o fumo, também temos plantações de bananas, de bergamotas, de laranjas. Além disso, cada morador tem a sua plantação, seja de frutas, verduras, vagens, de grãos ou tubérculos, ou plantas medicinais. Temos também uma estufa, onde fazemos mudas de plantas nativas. Toda a comunidade participa através dos mutirões.

As cerimônias religiosas

As cerimônias religiosas são eventos onde se realizam os batismos tradicionais, os *Nhemongarai*, ou são feitos os rituais de cura. Esses rituais e cerimônias são feitos no espaço sagrado da *Opy*, sendo que em determinadas épocas do ano toda a comunidade participa respeitando, preparando e participando dos rituais. As cerimônias e rituais acontecem conforme o tempo guarani, assim, a própria comunidade tem um calendário específico com rituais e cerimônias importantes, respeitando o *Ara yma*, o tempo velho, e o *Ara pyau*, o tempo novo. Esses eventos são realizados para manter a saúde do corpo e do espírito, não só individualmente mas da comunidade como pertencendo a um mesmo corpo. O tempo guarani é essencial para fazer as cerimônias e os rituais, pois nele estão presentes as recomendações das divindades sagradas, a observação da natureza, a cosmologia de criação e os ensinamentos e aprendizagem do Ser Guarani para ter um *tekoa porã* (aldeia boa)

FIGURA 6: Desenho o tempo guarani:

ARA YMA , ARA PYAU

A escola da aldeia

A escola da aldeia Whera Tupã Poty Djá é um espaço conquistado pelas lideranças indígenas da comunidade, onde se faz uma educação guarani diferenciada, específica, bilíngue e intercultural. Segue o regime de colaboração posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Essa educação escolar indígena é um direito dos povos indígenas garantido na Constituição e na legislação de educação. A escola possui um projeto político pedagógico que atende às especificidades da comunidade e da educação escolar indígena e que respeita o aluno como indivíduo social e ser humano. A escola também possui um calendário anual próprio, específico. Esse calendário contempla os rituais sagrados da comunidade e que fazem parte do processo de implementação e avaliação do currículo indígena da escola. Os planejamentos são realizados por meio das disciplinas e metodologia, sempre respeitando o *Nhandereko*. Os professores e

professoras da escola e a comunidade sempre estão unidos conversando, fazendo vários projetos em conjunto, seja de plantios, de contação de histórias, de canto e dança, e nas festividades, mutirões de limpeza e plantio da roça.

FIGURA 7: A escola da aldeia



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

FIGURA 8: Sofia e Alisson, mexendo com a terra nas aulas sobre plantio



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2018.

A escola atende os alunos das series iniciais, o ensino fundamental e o médio com técnico em meio ambiente. Atualmente são 12 professores, sendo 10 indígenas e dois *djurua* (não-indígenas) que vêm dar aula na aldeia. Há dois coordenadores indígenas, uma de cultura indígena e outro coordenador técnico em meio ambiente, além do diretor *djurua*.

A importância de ter uma escola indígena é fazer com que consigamos fazer uma educação escolar indígena. A escola entrou como uma força de Estado, tentando colocar um processo de colonização civilizatório, ou seja, com a entrada de Serviço de Proteção ao Índio (SPI) nas comunidades indígenas, a intenção foi fazer com que houvesse uma educação para os índios com uma ideia colonialista. O intuito era fazer com que o índio se tornasse um "trabalhador", um trabalhador com a mão de obra barata.

FIGURA 9: *Opyi*: a casa de reza da escola, o espaço do fogo e da roda de *petyngua*



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

O Estado, por meio de uma educação não específica, assimilacionista, quis tirar os indígenas da aldeia e transformá-los em sem terra, sem emprego e catequizados. Mas, quando o movimento indígena conseguiu colocar os direitos originários na Constituição começamos a fazer uma política educacional indígena, então retomamos a nossa própria maneira de ver a história e fazer uma interação entre a educação tradicional e a educação escolar. Assim iniciamos um movimento de educação escolar indígena

A partir dos anos 1990, aqui em Santa Catarina, começa um movimento de educação escolar indígena. No oeste, na comunidade guarani da Aldeia Limeira, esse movimento de se fazer uma educação escolar indígena começou pelo meu tio Adão Antunes, que foi um dos primeiros professores guarani. Na região de Florianópolis, Hyral Moreira foi um dos primeiros professores guarani na comunidade de Massiambu.

Essa proposta de educação escolar indígena, então, se torna uma importante política educacional, que fortalece o *Nhandereko*, pois fazendo uma educação específica conseguimos fazer com que nossos alunos consigam entender leis e direitos originários. E conseguimos fazer uma nova história escrita por nós mesmos, mas com as nossas versões e cosmologias tradicionais guarani.

FIGURA 10: A aula sobre o bioma da Mata Atlântica



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2018.

A organização política

Aqui mencionarei como é o modo de organização das lideranças indígenas da comunidade e a relação de hierarquia.

- Os *Mboruvitcha kuery*, as lideranças guarani da minha comunidade, são formadas pelo cacique, a esposa do cacique, o *Tchondaro* maior, o vice-cacique e sua esposa.

- O Cacique, na comunidade de Biguaçu, é a mesma liderança espiritual da *Opy*, ele é quem faz a interação com a sociedade de fora, isto é, ele foi um dos fundadores da aldeia e lutou para que a Terra Indígena MBiguaçu fosse demarcada. Ele faz as reuniões que precisa com os órgãos do governo, mas também faz as cerimônias sagradas, é também uma liderança espiritual que aprendeu a fazer as cerimônias e rituais sagrados. A sua esposa é sua companheira de luta e também uma liderança espiritual que ajuda na organização interna da comunidade e atua como cacique quando seu esposo não está presente.

- O *Tchondaro* maior é uma liderança que ajuda a comunidade a se organizar, há muitos anos. Junto com o cacique, cuida da organização interna da aldeia e ajudou na construção da associação da comunidade.

- O vice-cacique e sua esposa também são lideranças que atuam mais na parte interna da comunidade. São lideranças espirituais que ajudam o cacique e sua esposa a fazer os rituais e cerimônias sagradas.

- Os *Tchondaro kuery* são os homens, moradores e meninos, que ajudam na manutenção da aldeia por meio dos mutirões. Eles fazem a segurança nos rituais e dias festivos.

- O Conselho das mulheres é responsável pela organização da aldeia. Neste conselho participam as esposas do cacique e vice-cacique, que são responsáveis pela organização da comunidade.

Essas são as principais lideranças. A comunidade funciona sempre interagindo, não exatamente nessa ordem hierárquica, mas sempre em conjunto decidindo com os moradores, que são essenciais para manter essa organização.

As regras internas são também necessárias para o bom convívio na comunidade, irei passar quais as principais regras de um bom morador dessa aldeia.

1. O morador tem o direito de ter um pedaço de terra para plantar, seja a roça tradicional ou as plantas medicinais, pode criar animais domésticos desde que não incomode o vizinho.

2. Os novos moradores devem se apresentar às lideranças, têm que cumprir as obrigações comunitárias, eles tem o direito de voz e decisão na comunidade.

3. Os moradores devem fazer trabalho comunitário, que é principalmente em um final de semana. Ou tirar um dia da semana para esse trabalho, que é roçar, capinar, plantar, cortar a lenha para a *Opy*, estar nos mutirões feitos para a limpeza da comunidade.

4. As crianças e os jovens devem estudar.

5. O casamento entre os jovens pode acontecer desde que os jovens estejam de acordo e os pais também.

6. Pode haver a separação de casais e eles continuarem morando na comunidade, uma vez comunicado às lideranças os dois não poderão se juntar novamente. Se isso acontecer poderão ser expulsos da comunidade, podem casar novamente com outras pessoas desde que haja um tempo grande entre a separação e esse novo casamento.

7. Nas reuniões todos têm voz e direito de opinião.

8. Devem respeitar as cerimônias sagradas, não ingerindo bebidas alcoólicas ou tocando nem incomodando os moradores.

9. Os moradores que trouxerem visitas deverão ser responsáveis por elas.

10. Os *Djuruá kuery* (não-indígenas), se quiserem conhecer a comunidade ou quiserem entrar para tratar de qualquer assunto interno, deverão se apresentar para as lideranças.

Essa é uma observação minha e não necessariamente funciona nesta ordem. A comunidade de Mbiguaçu possui uma associação que funciona para desenvolver os projetos. Todo morador é membro dessa associação.

3.3.1. Procedimentos de Consulta Prévia a serem realizados na comunidade

A consulta prévia em terras indígena está garantida na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esse direito instituído assegura a nossa autodeterminação de manter a nossa própria cultura, de sermos capazes de fazer nossas próprias regras e leis internas, de sermos consultados sobre quaisquer empreendimentos a ser feitos em nossas terras tradicionais. Por isso também é importante sermos consultados para qualquer assunto, sejam eles quais forem.

Uma das partes importantes garantidas por nossos guerreiros indígenas foi na Constituição Federal de 1988, precisamente nos artigos 231 e 232, que dizem que o Estado deve reconhecer nossas próprias organizações, nossas línguas, crenças e costumes e também nossos direitos originários sobre nossas terras. Isto quer dizer que a partir desses direitos garantidos nessa forma de lei maior, nós, povos indígenas, temos que lutar para manter esse direito.

A partir dessa concepção, sabendo que temos esse direito na legislação brasileira, conversando com algumas lideranças e moradores da comunidade da aldeia de Mbiguaçu YYN MORONTCHI WHERA, peguei assim um princípio de um protocolo a ser seguido. Esse modelo pode ser corrigido a qualquer momento ou alterado pelas lideranças. Esse modelo foi passado em conversa com as lideranças para qualquer realização de projetos referente a nossa comunidade, sejam projetos de pesquisas ou projetos governamentais ou de organizações não-governamentais que causarão impactos.

Protocolo Guarani de Consulta Prévia

O Protocolo Guarani de Consulta Prévia estabelece que:

I. A consulta prévia deve ser feita à comunidade indígena de Biguaçu antes de qualquer decisão do Governo.

II. Os *Djuruá kuery* que quiserem entrar para fazer qualquer reunião, sendo de qualquer órgão do governo, deverão se apresentar, agendar antecipadamente com as lideranças e quando forem entrar na comunidade deverão e ser acompanhados por uma liderança interna.

III. Uma vez apresentados às lideranças, serão feitas as reuniões.

IV. Para o plano de consulta: as reuniões de consultas devem ser feitas com as lideranças da comunidade.

V. Sobre as reuniões: as reuniões informativas deverão ser feitas com as lideranças, sendo que deve se falar o guarani e o português, para todos entenderem.

VI. As reuniões internas da comunidade deverão ser feitas apenas pelos moradores, para discutir o que causará de impacto negativo ou positivo para o *Nhandereko* e quais projetos irão desenvolver, se irão aceitar ou não. Sendo que qualquer órgão ou empresa deverá respeitar o tempo guarani e que a comunidade decidirá quantas reuniões internas serão necessárias.

VII. As reuniões de negociação devem ser feitas conforme a comunidade estabelecer, sendo preferencialmente na própria comunidade, tendo um intérprete que fala o guarani. Em todas as reuniões, desde as informativas, internas e de negociação, deverão ser feitas atas que servirão como um documento.

VIII. A decisão da comunidade prevalecerá, sendo que a comunidade poderá recorrer aos órgãos competentes caso não seja cumprido o protocolo guarani, ou quando esteja afetando o nosso *Nhandereko*.

Na consulta prévia deverá ser consultada toda a comunidade, sendo que todos deverão ter seu momento de fala guarani. O Protocolo Guarani estabelece quem deverá ser consultado, dependendo do empreendimento: os anciões, *xejaryi* (avó), *xeramoï kuery* (avôs); os casais; os jovens e estudantes; as crianças; a comunidade escolar; os agentes de saúde; os agentes

sanitaristas; os agentes ambientais; e, os *Djuruá kuery* que trabalham na comunidade. O Protocolo Guarani estabelece que, preferencialmente, os Guarani da comunidade sejam consultados. Os *Djuruá kuery* que trabalham na comunidade poderão ser consultados quando o cacique assim estabelecer.

O Protocolo Guarani poderá ser reavaliado, reescrito a qualquer hora pelas lideranças indígenas, sendo que a consulta prévia deverá respeitar integralmente o *Nhandereko*.

A liderança Indígena, que é o cacique de Mbiguaçu, também é o cacique-geral legitimado da comunidade indígena de Amâncio, aldeia localizada no município de Biguaçu, no Bairro de Sorocaba. Os protocolos de consulta prévia seguirão os modelos da organização interna daquela comunidade, sendo passados também pelo cacique.

Esse protocolo de consulta foi essencial para fortalecer o meu trabalho de pesquisa, pois reforça a legitimidade dos direitos da minha comunidade. É essencial que eu coloque isso também na pesquisa, pois é um documento que futuramente pode ser lido e respeitado, assim sendo um documento específico de nossa *tekoa*.

O *Nhandereko* acontece nessas relações de respeito das falas dos *tcheramoi kuery* e *tchedjaryi kuery* (avôs e avós), nas interações dos pais e mães com os filhos, entre os jovens, entre as crianças. O *Nhandereko* tem a ver com toda a educação corporal, com o conhecimento do território e, também, da relação entre o humano, o ser Guarani, e as divindades sagradas.

4. CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO CORPORAL, PRÁTICAS DE SAÚDE E USO DAS PLANTAS NA COMUNIDADE YYN MORONTCHI WHERA

As práticas de saúde fazem parte do modo de viver tradicionalmente, as práticas de uso das ervas e dos chás são parte do *Nhandereko*. Para viver bem é preciso estar em harmonia com corpo, alma e espírito.

Os rituais do dia a dia são muitos comuns na comunidade. Apesar de a comunidade estar muito perto do espaço urbano, ainda são mantidos certos rituais necessários para se fazer o Ser Guarani. Observando na minha família e com minhas práticas consegui notar, como pesquisador, aspectos relacionados à proteção de algumas doenças do corpo e do espírito.

Um desses rituais que ainda acontecem na comunidade de Mbiguaçu é relacionado ao nascimento. Nele a parteira dá um chá de cinzas para a mãe antes de ter o bebê. Segundo a memória que trago comigo, dona Maria Takua dizia que era para o bebê vir fortalecido, por isso esse chá era feito com as cinzas. A criança, então, depois de nascida, tinha seu umbigo cortado com *takuara*.

Atualmente existem duas parteiras na comunidade. Os pais da criança recém-nascida também tomam banho com a cinza e devem manter uma dieta especial, sem comer carne. Os pais mantêm uma rotina sem ir à mata, principalmente o pai, pois acredita-se que o espírito da criança pode segui-lo e se perder no caminho.

Um desses rituais que acompanhei foi a da minha sobrinha neta Sueleem, que muito jovem engravidou, no ano de 2016. Ela teve todo o cuidado de, já na gravidez, manter algumas restrições necessárias para o fortalecimento do próprio corpo e do bebê.

A Suellem sempre tomava banho de ervas medicinais, uma dessas ervas era a vassourinha, que servia como proteção, enquanto seu marido, Anildo, também fazia rituais, se cuidava para não ir na mata. Para eles, o espírito da criança, mesmo antes de nascer, podia se perder.

Essa mãe teve a sua criança no hospital, mas ainda são feitos partos na aldeia. No dia do nascimento de seu filho, Sueleem estava em outra comunidade e foi levada para o hospital para ganhar o bebê. O pai da criança a acompanhou, logo nos primeiros dias ele tomou um banho de cinzas e não comeu mais carne. Segundo o senhor Anildo, a carne pode causar muito mal à própria criança, pois ela ainda está pura, com toda essência da vida, e a carne pode colocar vários tipos de doenças.

A criança, mesmo sem nome tradicional guarani, foi lavada com *pipi i* ou *pipi guatchu* que é uma planta usada para espantar os maus espíritos. A criança também foi fumaceada pelo *TATATCHINA* ou a fumaça do *petyngua*, para espantar toda a impureza desse mundo terreno.

FIGURA 11: Suellem e Alisson, a mãe estudante guarani na escola



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

Outro cuidado que logo me disseram durante a pesquisa foi o do umbigo, pois pode moldar também o comportamento das crianças. Quando é cortado o umbigo é feito um colar e colocado na criança, não se deve perder, pois a criança carregando o colar consigo se torna uma pessoa serena. Muitos dizem que perderam o colar quando criança e ficaram agitados porque um rato ou outro animal pode ter comido o colar e eles teriam a personalidade agitada daquele animal. Por isso é enterrado também o umbigo ao lado da árvore que a mãe da criança definir.

Para se tornar um Guarani é necessário ter nascido na comunidade e recebido o nome tradicional, que é dado pelo líder espiritual, mas no caso do filho de Sueleem e Anildo a criança ainda não tinha recebido. Então, ganhou um apelido ou nome dos *Djurua kuery*, foi chamado de Alisson, e esperou um ano até ganhar seu nome Karai Nheery em uma cerimônia do *Nhemongarai*.

4.1. O *Nhemongarai*

O *Nhemongarai* é onde se consagra os alimentos ou as ervas medicinais, como o milho e a erva-mate, onde se reverencia e agradece a colheita a Nhanderu, pois todos os alimentos podem também contaminar o corpo ou o próprio espírito. Por isso é importante saber e realizar essa educação corporal. O *Nhemongarai* é também um espaço de

compartilhamento dos frutos colhidos. Antigamente, contam que vinham pessoas de várias outras comunidades para se fazer o *Nhemongarai*. É um espaço de batismo tradicional em que a criança ou o jovem recebem o nome sagrado, o *nhee*. Nessa cerimônia é colhido o milho e nele é passada a fumaça para abençoar e agradecer a colheita e as sementes para o próximo plantio. Todo esse processo de batismo tradicional vem através da própria cosmologia guarani, que valoriza as divindades celestiais.

O milho é muito importante para se manter essa relação com a terra, é também considerada uma planta sagrada, existem muitas lendas que falam do milho nativo. Uma vez me contaram uma história em redor do fogo, talvez até alguém já tenha escrito essa história da criação do milho. Existem muitas narrativas sobre o *AVATCHI*, mas a história que eu me lembro começa com meu pai, o senhor Canilho ou o Pedro Timoteo, que contou a história do AVATCHIN.

Segundo o que ele contou, uma vez, lá nos primeiros tempos, existia uma aldeia onde os Guarani estavam sofrendo com a chuva, depois do primeiro dilúvio. A terra ainda estava secando e não existiam muitos alimentos. Por terem sido arrogantes e egoístas, os Guarani haviam perdido a conexão com Nhanderu, então choravam de fome. E naquele mesmo tempo já existia o filho de Parai, uma jovem que nasceu muito branca e que ela havia dado um filho chamado Karai (essa também é uma história dos primeiros albinos). Karai já havia se tornado um velho sábio que ainda mantinha contato com o canto e a reza, mas a comunidade daquela aldeia não gostava muito dele pela cor de sua pele, era muito branco, e chamavam ele de *avatchin*, de homem branco. Ele não ligava muito para opinião dos Guarani. Então, naquele tempo de fome, ele reza e tem um sonho que poderia salvar a sua comunidade, mas precisaria ir na mata rezar. Todos da comunidade resmungavam pensando que ele iria se tornar um *edjepota*, mas ele continuava a cantar e rezar na mata. Um dia Karai teve um sonho que precisaria rezar mais, então, com seu corpo fraco mas seu espírito forte ele falece. Toda a comunidade vai ver onde ele está, no meio da mata. Era uma mata que brotava da água, estava lá o seu corpo, então eles o enterram e depois de um tempo começa a sair uma planta estranha e que dá umas sementes, eles batizam de *avatchin*, o milho *avatchi*. Então o pegam e rezam, passando a fumaça no *avatchi*, pois lembrariam sempre daquele sacrifício.

FIGURA 12: Avatchin - o homem branco (*avatchi*)



Fonte: desenho de Kiko Benite, 2019.

Existem muitas narrativas do milho, existem muitas qualidades de sementes, de gostos e cores diferentes. O milho representa o esforço do trabalho em conjunto. Para plantar o milho é necessário saber as fases da lua e plantar no tempo certo. No tempo de plantio que eu observei na minha comunidade, apenas os homens plantaram, era um espaço masculino onde eu mesmo fui trabalhar e plantar as sementes.

A colheita foi feita com todos os homens e jovens, enquanto as mulheres foram esperar para fazer o *mbyta* (bolo de milho assado), a pamonha e o *kaguedjy* (bebida fermentada). Na colheita, na comunidade, primeiramente são levados os pés inteiros do milho para serem apresentado na cerimônia, logo em seguida são colhidas somente as espigas do milho. Essa foto, abaixo, foi tirada no mês de fevereiro de 2018.

FIGURA 13: Foto da colheita do milho, Allan Yvydju



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2018.

Nesta foto, o milho está sendo colhido e colocado na caixa para levar para as mulheres, os homens são responsáveis por levar os milhos.

FIGURA 14: Mulheres colhendo as espigas, momento ritualístico



Fonte: Daniel Kuaray, 2018.

As mulheres começam a colher o milho e preparam descascando e ralando, para fazer os bolos tradicionais.

FIGURA 15: Dona Veronica, YRY, mostrando o *avatchi ovy*



Fonte: acervo pessoal do autor

Esse conhecimento do plantio do *AVATCHIETE* é importante, pois nós, Guarani, somos os guardiões dessas sementes. Saber trabalhar com a terra é fundamental para a sobrevivência da nossa cultura, o milho não é só uma semente que alimenta, mas traduz todo o sentimento da relação afetiva com a terra e com a espiritualidade. O milho é muito mais que

um simples grão, é um ser vivo que mantém a educação corporal e as narrativas de criação de mundo. Plantando o milho estamos plantando o futuro, é uma forma de prevenção e cura.

FIGURA 16: As mulheres pegando o *avatchi*



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2018.

A retomada do *Nhemongarai* do *avatchi* é um dos momentos mais especiais, que une toda a comunidade, quando esse milho é rezado e compartilhado junto com a cura do corpo e do espírito.

FIGURA 17: *Tchedjaryi* (avó) dona Rosa ralando o milho, alimento da alma



Fonte: acervo pessoal do autor

Existem muitos *Nhemongarai*, como eu havia dito antes, mas vou falar um pouco do batismo dos nomes guarani a partir da minha visão como pesquisador e como indígena. Uma das ervas utilizadas no *Nhemongarai* é o *YARY*, o cedro, que é uma planta sagrada que serve para lavar a criança quando é dado o verdadeiro nome guarani. Essa planta faz parte do método tradicional guarani.

Segundo a dona Celita Antunes, ou Djatchuka, que é a esposa do cacique, uma jovem senhora que tem essa prática das plantas medicinais, os nomes guarani eram dados depois do nascimento. Chamavam a criança pelos vários nomes até vir o nome certo, esse nome guarani é muito importante, pois, também molda a personalidade do Ser Guarani. Logo mais a frente coloco a entrevista com Djatchuka.

O nome também está relacionado com as divindades e as direções sagradas onde moram estes seres celestiais, cada nome vem de uma direção. O nome indígena para nós é sagrado, considerado algo de muito valor dado pelas divindades. Cada guarani recebe o nome conforme os deuses designam. É importante sabermos por qual motivo viemos parar na terra, cada pessoa recebe o nome conforme o propósito dado para ele nessa vida, nessa terra.

Esse mundo é vigiado por várias divindades e cada uma habita um lugar diferente, nos quatro cantos da terra. Cada Deus é responsável por um tipo de nome, por exemplo: o nome Ara'í vem do nome Ara que vem de um lugar onde mora o Deus Tupã, o responsável por cuidar da terra; as mulheres com nomes Pará também vêm do mesmo lugar que é comandado

pelo Deus Tupã. As mulheres com nome de Kerexu vêm do lugar onde moram o Deus Karai. As mulheres com nomes Ywá vêm do Deus Djakaira, o Deus curandeiro. As mulheres chamadas de Djerá surgiram do lugar onde moram os Kuaray Papá.

Acreditamos que existem as divindades responsáveis por cada região, nos quatros cantos da Terra, que existem terras celestiais e que essas divindades são responsáveis pela vida e pela espiritualidade do nosso povo. O povo guarani é muito grande e tem muitos dialetos diferentes, às vezes a forma do sotaque, da fala e da própria gramática se modifica conforme a região e por isso também muda o nome de algumas divindades. Aqui coloco essa cosmovisão da minha família.

A maioria dos Guarani já nasce com um nome guarani, esses nomes podem ser apelidos e depois são batizados realmente com o nome verdadeiro, em guarani, o *nhee*. Dizemos apelidos porque são nomes dos *djurua*, como no meu caso me chamo Daniel, mas meu nome verdadeiro é Kuaray, que significa espírito do Sol.

No meu caso, eu recebi o nome pelo meu Vô Crimaco, um grande *opitai*, uma liderança espiritual reconhecida por lutar pelos direitos das Terras Guarani. O meu nome veio da região leste, da divindade Nhamandu (Sol), por isso eu me chamo Kuaray. Poderia significar espírito do Sol ou o iluminado. Ganhei esse nome em um *Nhemongarai* quando tinha três meses de idade.

FIGURA 18: A representação de Nhamandu



Fonte: desenho de Kiko Benites, 2019.

Existem muitos rituais de batismo de nome, os Guarani podem ganhar o nome nas cerimônias do *kaa* (erva mate), do *avatchi* (milho), ou também na própria família. E pode trocar o nome em caso de adoecimento ou se o rezador que deu o nome falecer. Só temos nomes em português porque fomos obrigados pelos *djuruá* a ter um nome, porque antigamente era proibido registrar com nomes indígenas. Era um absurdo, algo tão preconceituoso! Eu me chamo Kuaray, fui batizado pelo meu avô, o senhor Francisco Timoteo ou Crimaco, uma liderança espiritual reconhecida entre os Guarani do Brasil e da Argentina.

FIGURA 19: Crimaco, em 1975, no município de Camaquã, Rio Grande do Sul



Fonte: foto de Mauro Silveira de Castro

FIGURA 20: *Kaa*, a erva-mate, aldeia Mbiguaçu



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

Um dos trabalhos que fala sobre o *nhee* e o *Nhemongarai* é de ARA RETE, Sandra Benites. Segundo ela (2015, p.12), o *nhee* é um ser-nome que vem dos quatros *amba*, isto é, das direções sagradas das moradas das divindades. Para ela, o *Nhemongarai* é fundamental para sabermos a personalidade e a habilidade de cada Guarani. Ela faz um trabalho de reconhecimento desses *nhee*.

O *nhee*, no meu dialeto guarani nhandeva, também se traduz por palavra, espírito-alma, voz, sentimento de viver. Por isso é importante ter o *Nhemongarai*, pois é o fortalecimento do Ser Guarani.

As plantas medicinais são importantes nesses rituais de passagem. O *yary*, o cedro, é uma planta utilizada como erva medicinal. Essa planta é necessária para o batismo tradicional, *Nhemongarai*, onde é dado o nome guarani. Segundo dona Fatima, que é a cozinheira da escola e uma senhora conhecedora das plantas, tendo aprendido com dona Rosa Poty Dja os segredos das ervas medicinais, o *yary* pode ser usado como erva de proteção e fortalecimento do espírito. A criança batizada é banhada com essa erva sagrada, são utilizadas as folhas e pedaços do caule, para proteção. Ela é muito comum na mata atlântica.

Além disso, os cuidados para a proteção do ambiente, principalmente das crianças, são muito importantes, por isso muitos Guarani fazem o fogo diariamente para espantar os maus espíritos. A fumaça é um símbolo de força e proteção espiritual. Por isso quando eu também estou em casa faço fogos para espantar os espíritos ruins ou acalmar o próprio corpo-espírito.

Um aspecto significativo a se dizer, nessa pesquisa, é que existem muitos rituais comuns ou já introduzidos na minha educação corporal, por isso o estranhamento de muitos pesquisadores não-indígenas é diferente do meu ponto de vista indígena na pesquisa etnográfica. Em alguns momentos eu sou apenas um praticante da minha cultura, em outros momentos eu retomo esse olhar de pesquisador e questiono o porquê daquela atividade ou ritual estar acontecendo.

Para ter a fumaça, além do fogo de chão, uma das ervas mais utilizadas na comunidade é o *PENTYN*, o fumo, que é muito comum nas práticas rituais da comunidade. A *tatatchina*, ou fumaça sagrada, é usada para passar também nos alimentos, purificando e consagrando tradicionalmente a *Nhanderu ete* e *Nhandetchy ete*, as divindades, o Grande Pai Verdadeiro e a Grande Mãe Verdadeira que vivem nas aldeias celestiais.

As crianças, jovens e anciões utilizam o *petyngua* (cachimbo sagrado) para fortalecer o corpo e espírito. Observei que essa prática na minha comunidade foi adquirida ou seguida pela observação dos mais velhos. Existe ainda uma prática de roda de *petyngua*, inclusive, em alguns momentos na casa de reza (*Opy*) e na própria escola da comunidade.

O *pentyn* é rezado e colocado no *petyngua*, a fumaça representa um elo entre o divino e o corpo guarani, serve para tirar os feitiços, para tirar a doença do espírito. A fumaça ou *tatatchina* é usada como um escudo, usado na cura.

Existem alguns pés de fumo na comunidade, mas poucos sabem da prática tradicional de prepará-lo, a maioria do fumo que utilizamos é de corda ou é comprado no supermercado da região.

Apesar dos rituais ainda serem praticados, como o *Nhemongarai*, existem muitas doenças trazidas pelo consumo da alimentação industrializada. Nesses casos, o atendimento médico é feito pela equipe de profissionais de saúde da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que vem a cada 15 dias. Essa equipe acompanha a comunidade.

Em seguida vou descrever e comentar sobre os rituais realizados na aldeia em Mbiguaçu, pois são práticas essenciais para fortalecer a cultura e a educação corporal guarani.

4.2. EDJERODJY MBORAI - a voz e os cantos

As crianças da comunidade, meninos e meninas, aprendem a ter o canto e a dança como parte importante da educação corporal guarani. Para se ter uma boa voz são dados chás para tirar as dores da garganta. A água da *takuara* é um remédio natural que se acredita ter um poder curativo.

O canto-dança ajuda na interação com as divindades. Para os Guarani, cantando e dançando obtém-se a cura e o fortalecimento das relações com os seres sagrados. Na comunidade existe um coral chamado YVYTCHI OVY, ou Nuvens Azuis em português, eles cantam todas as tardes agradecendo ao criador. Esta também é uma prática desenvolvida em conjunto com a escola da aldeia.

O canto representa essa conexão com as nossas divindades, o Ser Guarani consegue se conectar com o sagrado através do canto-dança, toda cerimônia e rituais realizados na comunidade sempre ouvimos e cantamos com os nossos anciões, as crianças e jovens têm papel importante de interação e valorização dessa cultura. Os versos entoados nas canções tradicionais referem-se sempre ao sagrado e às relações com a mata e a Terra. A força espiritual vem do canto-dança e também dos instrumentos sagrados, a *takuara* é muito

importante para o Ser Guarani, pois ela está presente em nosso cotidiano nos artesanatos e objetos sagrados.

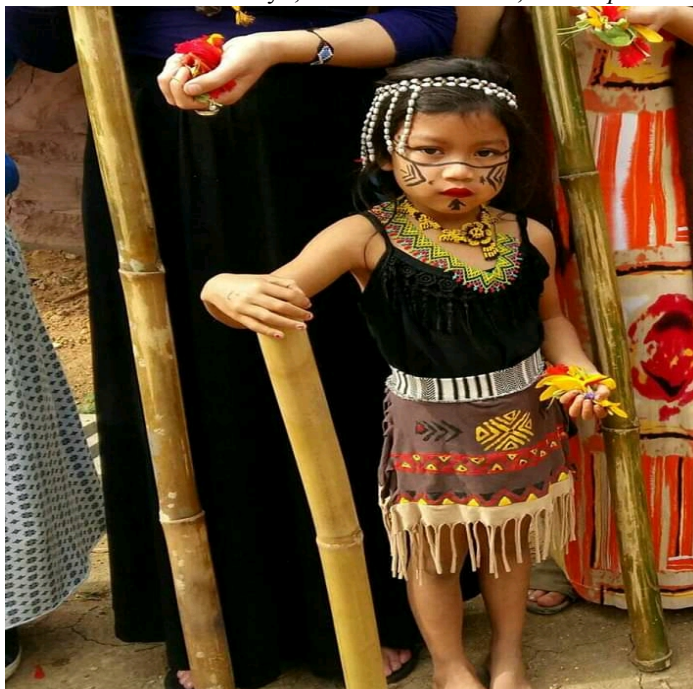
FIGURA 21: As meninas no coral



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2018.

Existem muitos tipos de chás para melhorar a voz, mas me refiro à *takuara* porque ela está presente na cosmologia de criação de mundo guarani e também representa a feminilidade. O uso da *takuara* nos artesanatos, como nos cestos, retrata essa cultura dos trançados, repassado pelos ensinamentos das mulheres ao longo do tempo.

FIGURA 22: Ketlyn, kunhatain Keretchu, o *takuapu*



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

A *takuara* é muito utilizada em Mbiguaçu, algumas dessas espécies ficam dentro e fora da área demarcada, mas estão dentro do território guarani. Ela também representa a maneira como contamos o tempo, existem épocas onde todas as *takuara* secam e outras épocas elas florescem novamente. Segundo as histórias, a *takuara* morre e renasce a cada 30 anos, por isso alguns Guarani tem várias *takuaras*.

O telhado da *Opy* é feito com *takuara*, os alunos da escola ajudaram a pegar e amassar as *takuaras* para fazer o telhado. Outro uso medicinal é tomar a água que acumula nela, ainda na terra ou plantada.

FIGURA 23: A criança aprendendo com mãe a macetar a *takuara*



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2018.

FIGURA 24: A construção do telhado da *Opy*





Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

Também dá para fazer vários apitos e uma espécie de lápis natural, que é a mistura de cera de abelha e folha de *takuara* queimada. Esses são alguns usos que fortalecem a educação corporal e também o canto sagrado, pois tudo está interligado em uma mesma energia.

O canto sagrado, o *mborai*, é um tipo de canto onde os rezadores entoam algumas palavras sagradas reverenciando Nhanderu ete ou Nhandetchy ete. São cantos utilizados nas rodas, na aldeia em Mbiguaçu. O *amba*, ou altar, é uma meia lua que representa a conexão entre o Ser Guarani e as divindades. Existem muitos tipos de altar em diversas direções, mas nessa comunidade é esse símbolo.

O fogo sagrado, *Tatatendy Rekowe*, fica bem em frente ao símbolo da meia lua, nessa comunidade uns *Tchondaro kuery* têm essa responsabilidade de cuidar o fogo, eles cuidam durante a cerimônia toda, não deixando o fogo apagar.

4.3. TCHONDARO EDJERODJY - a dança do *tchondaro*

O *Tchondaro edjerodjy* é uma dança-luta tradicional que traz o canto-dança como a principal fonte de energia do corpo. Neste ano de 2019 houve uma retomada dessa dança como um ritual de três dias. Antes sempre teve essa dança, mas sem uma explicação profunda e sem o entendimento do por que fazer esse ritual.

Neste ano tivemos rodas de conversa na *Opy* com os mais velhos. O senhor Alcindo Whera Tupã, que é uma liderança espiritual, veio conversar sobre o *Tchondaro*, que é uma educação tradicional. Outras lideranças importantes, como o senhor Arthur Benite e Graciliano Moreira, vieram contar narrativas sobre essa dança.

Depois, os *Tchondaro* e *tchondaria* dançaram três dias, comendo apenas frutas, canjica e tomando chá e água; não ingeriram nenhum outro alimento. As *tchondarias* utilizaram os *takuapu*, uns instrumento feito de bambu. Esse é um instrumento que liga as mulheres às divindades guarani e ao sagrado feminino.

Os músicos tocaram sem parar nos momentos da dança. O uso do *rave* (rabeca), que é um instrumento sagrado, foi ensinado pelos jesuítas, desde o fazer desse instrumento até o tocar. Tocaram em uma mesma melodia com o violão, o tambor e o chocalho. As músicas tradicionais entoavam na mata. Durante esse ritual, houve vários momentos em que tomamos a medicina sagrada e chás para a voz.

Havia também os apoiadores que ajudavam nos rituais, desde o fazer dos alimentos até a limpeza do local, pois os *Tchondaro* e *Tchondaria* não podiam sair da *Opy*.

Nós, professores da escola, fizemos planejamentos de como utilizar essa temática em nossas aulas; toda a comunidade participou desse ritual. A dança do *tchondaro* ajuda no processo de reconhecimento do corpo e do espírito, o *tchondaro* deixa o corpo mais leve e faz as pessoas interagirem entre si, fortalecendo os laços sociais.

Essa retomada foi importante, pois mostra o fortalecimento e o reconhecimento do próprio corpo. Por ser uma dança circular, o *tchondaro edjerodjy* mostra a igualdade e o respeito pelas pessoas que estão dançando.

FIGURA 26: O *tchondaro edjerodjy*, a roda de conversa, iniciando a dança



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

FIGURA 27: Arrumando o espaço para colocar o *petyngua* antes de começar a dança, Gennis Martins



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

4.4. TATAENDY REKOWE - o Fogo Sagrado

O *Tataendy Rekowe*, ou Fogo Sagrado, foi registrado em 2015, no cartório, como igreja nativa guarani da comunidade Mbiguaçu. Os membros fundadores entenderam que era preciso registrar, naquele momento, pois era importante se manter um histórico de como estava sendo transmitida a cultura na casa de reza, a *Opy*.

Há muito tempo a casa de reza foi aberta aos *Djurua kuery*. Naquela época, nos anos 1990, estar abrindo um conhecimento ancestral para os não-indígenas gerou muita discriminação e discussão, mas com o passar do tempo os jovens foram se acostumando com pessoas que buscavam uma forma de cura ou aprendizado sobre a própria natureza com um grupo indígena xamânico.

Retomo aqui uma entrevista feita com a dona Celita Djatchuka, uma das fundadoras do *Tataendy Rekowe*. Djatchuka é uma das lideranças femininas da comunidade Mbiguaçu, esposa do cacique Karai Dju. Coloco aqui seus nomes em guarani para dar mais ênfase à minha própria escrita guarani. Na comunidade, é uma mulher que há 20 anos tem um papel importante como uma liderança espiritual feminina.

A minha entrevista com ela aconteceu em uma tarde ensolarada. Por ser muito ocupada com as demandas da comunidade, conseguimos, em uma roda de conversa, essa história maravilhosa sobre a educação corporal guarani.

Ela contou que, desde muito pequena, quando ainda morava na região oeste do estado de Santa Catarina, teve uma educação tradicional que tinha como objetivo o reconhecimento das plantas medicinais. Segundo ela, sua família paterna vinha de grupos de *tchondaro* que tinham uma educação diferenciada dos demais.

Na cultura guarani existem várias funções necessárias para se ter um *Tekoa Porã*, uma aldeia boa e feliz. Além das lideranças espirituais, os *Tchondaro kuery* possuem um conhecimento espiritual, e antes tinham uma educação com muitas restrições, tanto na parte humana quanto social.

Ela disse que quando pequena, a partir dos seis ou sete anos, começou a conhecer as plantas e ervas medicinais necessárias para certos rituais de fortalecimento do corpo e espírito. Falou que a educação de ser uma *tchondaria* começava desde o levantar até o deitar, o canto e a dança eram a base dessa educação. Disse que tomou uma erva que era considerada uma proteção contra os espíritos maus, que todas as crianças daquela época tomaram para ser

um bom *tchondaro* ou *tchondaria*. Aquele chá poderia matar um *edjepota vae*, termo que explico mais a frente (ver p.75).

Ela, emocionadamente, contou que a experiência de viver em uma outra época, sem influências dessas tecnologias, e ter um *Nhandereko*, foi a base para ter essa educação das plantas. Contou também da sua experiência de 20 anos atrás, das muitas andanças até vir morar nessa comunidade.

"Quando vim morar nessa comunidade, depois de muitas andanças, de ir morar no Rio Grande do Sul e vir novamente para Santa Catarina, consegui ter uma família minha. Apesar de conviver com a minha mãe, comecei a ter uma relação mais próxima quando vim morar nessa comunidade. Aqui, naquela época, não tinha muitas plantas medicinais. O seu Alcindo cultivava algumas plantas, mas quase ninguém cultivava. A minha mãe (dona Maria Takua) carregava com ela várias sementes. Existiam muitos casos de feridas e doenças de ar (bronquites), conseguimos curar muitas pessoas que viviam aqui."

Começo a perguntar sobre essa relação de cura e doença, e também o porquê de aceitar que os *Djurua kuery* entrassem na *Opy*.

Segundo ela, teve que relembrar as plantas quando chegou em Mbiguaçu e ver como estavam inseridas dentro da própria comunidade. Falou que apesar do Sr. Alcindo ser um líder espiritual e trabalhar com as plantas, nessa aldeia eles não conheciam as plantas populares e nem as plantas de poder feminino, além de não ter muitos conhecimentos sobre os *kaavo*, as plantas de encantamento.

Quando ela veio morar na comunidade havia muitos casos de bronquite e também de feridas. Adultos e crianças tossiam muito e andavam com alergias e feridas, então ela começou a trabalhar fazendo algumas garrafadas, assim como fazia a dona Maria Takua. Muito dessas ervas medicinais, utilizadas juntas, era o coração da bananeira e partes de algumas árvores que eles chamavam de anoiz ou noz. O coração da bananeira servia para o chá contra a tosse e a anoz contra as coceiras e feridas. Esses remédios foram trazidos pela dona Maria Takua.

Djatchuka conta que sempre via os *Djurua kuery* procurarem a cura para vários tipos de doenças, tanto espirituais quanto doenças do corpo. Contudo, a entrada dos *djurua* na *Opy* e participando das rodas de cura foi a partir do contato com o senhor Alcindo Whera Tupã e

com o Haroldo, do Caminho Vermelho. Coloquei somente o primeiro nome deste último, pois não fiz entrevistas com ele.

Segundo ela, Haroldo apresentou a ayahuasca, uma bebida alucinógena que era muito usada pelos daimistas e no Caminho Vermelho. Falou que esse senhor foi importante, que por ele se interessar pela cultura guarani, outros Guarani, mesmo se questionando, começaram a participar das cerimônias que o Haroldo fazia com o senhor Alcindo. Disse que ela própria tinha um preconceito contra os *Djurua kuery*, mas com o tempo foi se acostumando.

FIGURA 28: Djatchuka (Celita) e sua filha Takua (Aline) limpando as medicinas



Fonte: Daniel Kuaray, 2018.

Atualmente, Djatchuka trabalha como coordenadora da escola, tem o conhecimento das plantas medicinais, serve as plantas de poder nas rodas de cura para as mulheres de diversas culturas, considera-se uma mulher-medicina.

Na época da fundação do *Tataendy* Rekowe, ela conta, foi necessário reconhecer essa tradição como religião, pois queriam manter um símbolo do rezo guarani, mesmo mesclando as tradições com o Caminho Vermelho, deveria se identificar à cultura guarani. Sempre trabalhando a cosmologia, respeitando as divindades e o *edjerodjy mborai*, os cantos e danças sagradas.

Eu, como morador, professor e pesquisador, fui perguntar também a outras pessoas como era ver os *Djurua kuery* entrarem na *Opy*. Então entrevistei também o Allan Yvy Dju, filho de dona Celita e Hyral Moreira.

Allan Yvydju é uma jovem liderança, tem 20 anos de idade, é professor e músico. Segundo ele, a entrada dos *Djurua kuery* na aldeia é complicada. Conta que muitos *djurua* entram sem conhecer a cultura, ficam julgando, querendo se aparecer na casa de reza. Esse seria um ponto que ele critica, mas, ao mesmo tempo, diz que é importante eles conhecerem a cultura. E a medicina (ayahuasca) é fundamental no processo de cura e busca pela espiritualidade.

Eu trago essa discussão pois é importante colocar o uso da ayahuasca e da abertura aos *Djurua kuery* na *Opy*, na comunidade de Mbiguaçu. No começo, quando essa bebida foi apresentada, houve muita crítica, muitas pessoas começaram a falar da comunidade, discriminando-a. Desde muito tempo tivemos as nossas medicinas tradicionais. As mais comuns e que também são sagradas são: o *kaguedjy*, uma bebida fermentada do milho, e o *kauin*, que é feito do milho e da mandioca. Mas, nas memórias dos mais velhos, ainda nas suas histórias e narrativas, aparecem os cipós que serviam como remédio. A medicina ayahuasca trouxe uma memória, uma recordação, que no começo dos tempos, nas primeiras andanças, os Guarani em algum momento já a utilizaram. Atualmente, depois de 15 anos, o uso dessa medicina sagrada já faz parte da cultura guarani da comunidade de Mbiguaçu. Ela é cultivada e temos nosso próprio feitio de medicina, que é um momento de celebração e cantos, onde o cipó é macetado pelos homens e as folhas são selecionadas pelas mulheres. Assim a medicina é feita e consagrada.

Essa é uma planta que já faz parte da nossa educação corporal, já faz parte do calendário anual da nossa comunidade, por isso eu achei importante incluir nessa pesquisa.

FIGURA 29: *Opy* - casa de reza da comunidade de Mbiguaçu



Fonte: Acervo pessoal do autor

4.4.1. A entrada dos *Djurua kuery* na *Opy*

O senhor Marcelo França é de origem italiana, sempre vem à aldeia em Mbiguaçu fumar um *petyngua*. Sempre houve um estranhamento por minha parte e uma curiosidade em saber como um *djurua* conseguiu entrar dentro da *Opy*, então, por isso resolvi perguntar a ele, em uma tarde de 2018, sobre como conheceu a comunidade. Ele diz que trabalhou bastante tempo como dentista. Conta que desde sempre passava pela BR 101 e avistava muitos balaios. Um dia ele quis parar, mas estava de carona e a pessoa que conduzia o carro falou que era perigoso, que os indígenas eram antissociais e que não gostavam de contatos.

Ele trabalhava de voluntário em Tijucas e um dia veio na aldeia, resolveu parar e conversar com a liderança, que na época era o senhor Milton Moreira. Primeiramente ele começou a dar uma atenção odontológica na comunidade e, desde então, frequenta a *Opy*. Segue o relato de Marcelo França sobre Yyn Morontchi Whera: "*O início do contato com a aldeia foi em 1991, quando comecei a realizar atenção odontológica na comunidade, utilizando apoio logístico e operacional da Secretaria Municipal de Saúde. O tekoá era liderado pelo Sr. Milton Moreira que exercia uma liderança forte, centralizadora, articulada*

com lideranças políticas da região, porém deficiente na socialização e descentralização dos benefícios e conquistas alcançados, originando em minha avaliação, um desinteresse coletivo pelos destinos e rumos na vida da aldeia. Apesar da regras de conduta rígidas, da exigência de contribuição individual na força de trabalho e da presença do tcheramõi opyguá Whera Tupã (Sr. Alcindo Moreira) e sua esposa kunhã Poty djá (Senhora Rosa Cavalheiro Mariano), o sistema de vida do povo guarani apresentava mais aproximação ao modelo de vida das comunidades não-indígenas, prevalecendo o indivíduo 'pelo ter e não pelo ser'. A identificação da ingestão abusiva de álcool era constante; a perda das relações de compadrio; a desarmonia familiar e social coletiva; o desinteresse nos projetos e/ou ações de sustentabilidade e ausência de grande parte da comunidade (a presença se restringia mais as crianças) nas cerimônias na opy (casa de reza). 'Pintava um quadro' de desalento quanto ao futuro da comunidade dentro da tradição e cultura guarani. A insistência do seu Whera Tupã em manter a casa de reza com os cânticos e cerimônias tradicionais e o cultivo, em pequeno pedaço de terra, das culturas alimentares sagradas ao povo indígena, associado a exigência de na escola bilingue existente na aldeia, o idioma guarani ser o primeiro a ser aprendido e sua representação escrita, ajudaram a manter 'acesa a chama do fogo sagrado' (coração de todos na aldeia e detentor das tradições dos antepassados), sendo uma fortaleza para os dias atuais. A proximidade com a BR 101, cortando as terras em seis hectares; o tamanho reduzido da aldeia; o comércio local próximo, com área de turismo sazonal; a falta de alternativa de renda (levando à saída de alguns moradores em busca de trabalho temporário); e a falta de controle e acompanhamento dos não-indígenas que frequentavam de forma periódica a comunidade, com grande proximidade de jovens, foram os maiores motivos de 'fraquezas' presentes na comunidade, que ameaçavam a permanência do modo de vida guarani. Com a passagem da responsabilidade da assistência à saúde da Funai para a Funasa (Lei Sergio Arouca) e a contratação da associação Rondon Brasil para execução das ações de atenção básica, passei a ter uma relação formal de trabalho com todas as comunidades do litoral de Santa Catarina e conseqüente 'aprofundamento' nas relações com a comunidade de M'Biguaçu. No ano de 2000 aconteceu um fato marcante na comunidade. Um morador com uma doença séria, de tratamento difícil e sofrido, necessitando de atenção integral da aldeia, sem parentesco em primeiro grau, se recusa, em uma unidade hospitalar em Florianópolis, a dar continuidade ao tratamento. Devido a este fato, o corpo clínico do

hospital solicitou a ajuda do Dr. Haroldo Vargas, em virtude do seu envolvimento com as práticas xamânicas dos povos ameríndios. A partir deste contato e a necessidade de um tratamento interdisciplinar e multiprofissional, respeitando os preceitos da espiritualidade indígena e o conhecimento imemorial dos curadores guarani, o Dr. Haroldo estabeleceu um contato mais estreito com a comunidade da T.I MBiguaçu e propôs ao Rondon Brasil a execução de um trabalho que revitalizasse as tradições do povo guarani do litoral, centrado na liderança e força espiritual da T.I MBiguaçu, hoje importante centro ritual e político. Através do circuito xamânico conduzido pelo casal de Karai kuery/xamãs Alcindo Whera Tupã Moreira e Rosa Poty djera Pereira, cujos poderes são reconhecidos e procurados por uma ampla rede de pessoas Guarani que se estende do Rio Grande do Sul ao litoral paulista. Ao iniciar os trabalhos, a presença do Haroldo lembrou a profecia do seu Whera Tupã, de um ano anterior, que teria na aldeia a presença de um homem, não sabendo se seria branco ou índio, velho ou novo, que reergueria o povo guarani na reza e nas tradições de cura e tratamento, conhecimentos imemorais já esquecidos pelo povo guarani, e que então haveria um novo tempo em que a comunidade começaria se levantar, devagarzinho mais com força, no propósito de erguer. Através da sistematização do trabalho executado pelo Dr. Haroldo, com o apoio e consentimento da comunidade da aldeia Yyn Morontchi Whera e suporte técnico e logístico da gerência do Rondon Brasil, se disseminou pelas comunidades do litoral de Santa Catarina a construção de casas de reza; as rodas de petyngua (cachimbo sagrado), onde se conhece e se repassa o conhecimento dos mais antigos, e como em um 'jogo de quebra cabeça' se resgatou a história dos antepassados e a história do próprio povo guarani. Temos que lembrar que a nação guarani utiliza a expressão 'Mbyá Rekoa Meme' como a região na qual distintos tekoa/aldeias estão articulados por laços de parentesco cotidianamente atualizados em arranjos matrimoniais, alianças sociopolíticas e religiosas/xamânicas, fluxo de pessoas e famílias, troca de saberes, sementes, mudas, pequenos animais, recursos naturais, por um intenso circuito e ritual e pelo manejo de espaços comuns e similares em termos geo-ambientais, o que confere uma dimensão de base territorial a um conjunto sociocultural guarani específico. Portanto, revitalizando espaço Mbya Rekoa Meme, houve a intensa troca de saberes, desencadeando reações da comunidade deste território que culminou no resgate das 'bebidas do poder', ou das 'plantas que curam', sedimentando entre algumas aldeias do litoral a utilização da bebida xamânica ayahuasca, que utilizada

seguidamente nos rituais liderados pelos rezadores da aldeia, proporciona momentos mágicos, únicos, de cura e revitalização das tradições do povo guarani. Junto com o petyngua, a ayahuasca, nas palavras do tcheramõi 'é nossa arma e nossa defesa'."

Ele traz uma visão sobre a bebida ayahuasca: "*Após a reincorporação das bebidas xamânicas nos rituais de reza, tenho observado uma melhora considerável das condições de vida da comunidade, em virtude de uma nova postura perante os enfrentamento e dificuldades de relacionamento. Se restabelece as relações de compadrio (Jopo'i), a área de plantio apresenta maior diversidade e produtividade, com participação mais efetiva dos jovens; reduz de forma drástica a ingestão de álcool, atingindo de forma permanente mais de 90% da população local."*

Marcelo França diz que houve muitas provas para ele entrar na *Opy*, sempre houve um olhar de estranhamento, mas ele conseguiu conquistar a confiança do senhor Alcindo Whera Tupã e também da família, ele é um senhor idoso que vem todas as tardes rezar com o *petyngua*.

Eu, como pesquisador e indígena, relutei para trazer esse tema, mas achei importante trazer um olhar de um não-indígena sobre a nossa comunidade, e a entrada dos *Djurua kuery* na *Opy*. Desde que se abriram as portas da casa de reza, muitos conseguiram entender um pouco da vida guarani e da espiritualidade. Alguns vieram na cerimônia uma vez e não voltaram mais. Outros estão até hoje e ajudam a comunidade. Nenhum indígena morando na cidade vai virar um *djurua* e nenhum *djurua* vindo na cerimônia vai virar um Guarani. Acredito que abrindo as portas e mostrando um pouco da cultura para eles, vai diminuindo um pouco o preconceito e o racismo. Por isso é importante fazer, em vários momentos, rodas de conversa, para tentar também mostrar a história indígena.

4.5. O tratamento de algumas doenças

Existem muitas formas de prevenção aos problemas de saúde na comunidade, seja na parte espiritual ou corporal. Seu Alcindo Whera Tupã, uma liderança espiritual reconhecida pelas comunidades, é um dos fundadores do Tekoa Mbiguaçu, ele passou a seus filhos e netos alguns ensinamentos de como se conectar com a natureza e as divindades, além de técnicas de cura.

Como expliquei anteriormente, existem doenças do corpo e também doenças espirituais, os *opita'i* são rezadores que passam a fumaça para tirar os males feitos ou feitiços e também essas doenças. As doenças são causadas também por falta de rituais necessários do dia a dia ou de fortalecimento. Um Guarani, não fazendo os rituais certos, começa a adoecer a às vezes até a morrer.

Temos, por exemplo, o *yvaro*, o pau amargo, que é uma planta existente na comunidade. É uma espécie de árvore que nós utilizamos para tomar banhos, para tirar a energia ruim, feitiço e doenças espirituais. Essa árvore serve para se banhar, são utilizadas as folhas, às vezes também a casca. As plantas de banhos são necessárias para se manter o espírito, o *nhee*, limpo. O corpo e o espírito precisam de energia, essas plantas têm esse tipo de energia para tirar qualquer impureza. É uma planta sagrada.

O *yvaro* é nativo da mata atlântica. Aqui está presente em uma parte da roça onde plantamos o milho, está localizado em uma região da mata onde passa um córrego. Quem mostrou para nós, no primeiro momento, foi o cacique Hyral e sua companheira, a dona Celita, em uma aula de agricultura tradicional. Nesta parte da roça tem pés de erva-mate e a carqueja.

Coloco aqui uma parte escrita em guarani para os parentes que querem saber um pouco mais sobre essa erva:

Yvaro ma ymã guive oiporua raka'e, opa mba'e pygua poã yvaro, he'i tcheramoĩ kuery ha'egui tchedjaryi kuery,kova'e poã ayn reve oiporua paweĩ mbya kuery.

Yvaro ma mbaeatchy pegua, hakã ratchy, pire raku, djukua'a ha'e gui, kangy pegua, yvaro rogue nhamondo rire ma odjapy py nhamoĩ ha'e gui nhamboaku tatapy, ha'evyama djadjoĩ nhande akã ha'e gui nhanderete.

Kova'e poã ma kunumingue kunhataingue oiporuve vai, inhengue apy,inhengutchu apy,opa mba'e oma'en'yn avã, kaa'guy regua ha'e gui yvy hapy regua kuery,ndodjepotai avã, ha'e ramingua edjavi py poã yvaro oiporu.

Outro fator são as doenças do corpo trazidas pelos *Djurua kuery*, a alimentação mudou ao longo do tempo, as comidas tradicionais foram substituídas por alimentos industrializados e com isso chegaram outras doenças nas comunidades indígenas. As doenças desse tipo mais comuns em Mbiguaçu, diagnosticadas pelos médicos, são diabetes e pressão alta. Mas existe um tratamento medicinal da tradição guarani que inclui diversos tipos de cuidado e prevenção

que o doente deve ter. O tratamento das doenças deve ser também espiritual, com restrição alimentar e tratamento com as plantas medicinais em que o curador irá fornecer e dizer como deve ser feito o chá.

Retomo aqui a minha memória em que dona Maria Takua começava a falar sobre as crianças, por ser uma parteira que sabia vários tipos de remédios. Ela contou, uma vez, que quando começava a nascer o dente da criança também era feito um ritual para fortalecer a gengiva e os dentes, era colocada a raiz do *pindó*. Existem muitos tipos de palmeiras, esta foi conhecida na criação de mundo e também faz parte do reconhecimento do próprio território Guarani.

O *pindó ovy* é a palmeira sagrada, é uma árvore que representa o contato entre o humano e o divino, foi colocada por Nhanderu Tenonde quando criou o primeiro mundo. Foram cinco palmeiras, quatro estão nos quatros cantos da Terra e uma bem no centro, segurando o firmamento. Quando houve o primeiro dilúvio só sobraram esses *pindó* e algumas pessoas.

FIGURA 30: *Pindó*, a palmeira, aldeia Mbiguaçu



Fonte: acervo de Daniel Kuaray, 2019.

Segundo as histórias contadas por minha mãe, dona Maria Takua, os Guarani viviam junto às divindades, mas já estavam se sentindo como seres sagrados. Então, os Tupã *kuery*, deuses dos raios e trovões, pediram para que Nhanderu intervisse e colocasse os Guarani em um lugar específico. Então Nhanderu criou a primeira Terra, em um momento quando passeava pelas estrelas. Chegou nesse lugar e encontrou apenas a água, onde reinava a Paraguaçu, a Deusa do mar. Quando Nhanderu pisou em cima dessa água, onde ele chegou nasce uma porçãozinha de terra e das suas pegadas nasce um tatuzinho que começa a cavar e espalhar mais terra. Junto com Nhanderu vem o colibri, o *mainõi*, que com sua asas também espalha essa terra fértil. Então ele coloca as palmeiras sagradas e os Guarani na primeira terra, mas com o tempo os Guarani começam a esquecer de reverenciar as divindades. O canto e a dança foram esquecidos, por isso os Tupã *kuery* sugerem a Nhanderu e ele os autoriza a castigarem os Guarani que aqui viviam. Por isso eles vêm sobre as nuvens com seus *tukumbo* (chicote) e, na mesma hora, começa a chover e a ter raios e trovões. Com isso vem o dilúvio e destrói a maior parte dos Guarani, que rogam por perdão e prometem cantar e dançar por toda a vida. Quando a água começa a chegar em um *tekoa* (aldeia), todos começam a cantar e dançar, então Djakaira, uma divindade, intercede por eles e chama Nhamandu (Deus Sol), que vem e limpa o tempo. Nesse dilúvio, a maioria das plantas morreram, apenas as palmeiras ficaram no firmamento da Terra. Por isso a palmeira é importante para a educação corporal, a espiritualidade guarani e também para o reconhecimento do território tradicional. Onde tem palmeira ali viveram os Guarani.

A dona Maria Takua dizia, sempre quando chovia: "*olha, lá vem os Tupã kuery com o tukumbo surrando os espíritos maus*", por isso nos aconselhava a ficar quietos rezando.

Assim, a prevenção de mal-estares e doenças tem a ver com a educação corporal guarani, ou seja, a pessoa doente aprende a se autodiagnosticar. No primeiro momento ela percebe que está doente, isso quando ela já compreende os rituais necessários. No caso da criança, são os pais que irão diagnosticar a doença. Uma vez descoberta a doença, então a família sempre faz chá com as plantas medicinais que conhece, depois irão pedir ajuda ao *opita'i* e também ao médico que atende na aldeia.

Esse autodiagnóstico é necessário, pois o doente consegue a cura identificando a sua própria doença. Em alguma parte da sua vida cotidiana ele se descuidou da educação corporal (educação do corpo e do espírito), dos rituais necessários para o fortalecimento do *nhee* .

5. CAPÍTULO 3: AS PLANTAS E O AMBIENTE

Até aqui comentei de várias plantas que são fundamentais na educação corporal guarani: *yari*, *petyn*, *takuara*, *yvaro*, *pindó* e há outras. Há energias por toda parte. Existem diversos tipos de símbolos sagrados que muitas vezes não compreendemos. Às vezes desconhecemos a própria energia da natureza ou aquela feita pelo homem. Existem energias de rádios, de internet, tecnologias que fazem os homens se movimentarem. Em diversas culturas existem as energias naturais que podemos manipular, seja na hora de fazer um fogo, de rezar na água e fazer um chá, na maneira de se plantar na terra, ou cantar para o vento. Todas essas práticas são usadas por vários povos.

Assim como eu aprendi, segundo as histórias contadas pela dona Maria Takua, a manipulação dos símbolos e das energias também pode vir de uma simples pintura no rosto ou de um símbolo de proteção feito na terra.

A maneira como nos comportamos com outra pessoa também influencia nossa própria energia. Por isso temos muito o que aprender com a natureza, nossos ancestrais buscaram muito entender e prever os efeitos naturais do clima e do tempo, que podem influenciar na vida. Assim, as plantas também podem ser um canal de cura e energia.

O repasse de conhecimento também faz parte de todo um aprendizado. Aprendi muitas sabedorias com a minha mãe, Maria Takua, que tinha muitos conhecimentos sobre plantas sagradas, fosse para tirar uma simples dor de cabeça ou para tirar a doença do espírito. Mas como sempre fui rebelde, teimava em aprender, sentia falta de interesse. Com o tempo, depois de sua partida para a terra sagrada, percebi que as energias sempre estavam ao meu redor e que cada planta tem o seu espírito e dono.

5.1. As plantas e os seres da mata

Em muitos locais da mata, segundo as narrativas de minha mãe, dona Maria Takua, existem vários seres que habitam, são seres encantados que possuem uma força mágica e que podem ajudar ou prejudicar um Ser Guarani. Por serem seres espirituais, os Guarani conseguem também perceber essas energias.

Esses seres habitam as matas mais fechadas ou as matas que são intocadas ou pouco usadas pelos homens. Mas alguns desses seres também ficam perto das aldeias. Existem muitas narrativas sobre o encontro de uma pessoa guarani com esses encantados. Vou listar alguns desses seres abaixo:

Karugua

Um desses tipos de seres são os *karugua*, seres mágicos que habitam as matas e, às vezes, dividem os mesmos locais de moradas dos Guarani. São seres pequenos que também mantêm uma cultura com práticas de ervas. São seres baixinhos e meio orelhudos, vivem em grupos e às vezes atiram pedras nos Guarani, causando dores no corpo e no espírito. Eles atiram em nós porque também influenciemos na energia da natureza e algumas vezes também pegamos as plantas que não devíamos.

Kurupi

O *kurupi* ou *kurupira* é um ser conhecido no folclore brasileiro e também nas narrativas guarani. Existem muitas histórias sobre esse ser, é um ser pequeno com os pés para trás que cuida da mata. Um das histórias guarani diz que Djakaira, uma das divindades celestiais das terras sagradas, entrega uma erva sagrada para os homens, essa erva é *kaa*, a erva-mate, que revigora o corpo e espírito. Os Guarani daquela época cultivavam um bom tempo essa planta medicinal, mas o *kurupi*, que nasceu com as primeiras matas, é o dono delas. Ele também cultiva o *kaa*. Os Guarani, perdendo a maior parte da semente ficam muitos tristes, pedem às divindades e elas pedem para o *kurupi* ou *kurupira* entregar aos Guarani. Então ele obedece e entrega novamente essa erva sagrada, mas também ensina a mexer com as ervas de encantamento, que comento mais a frente. Por isso também existe a erva para chamar o *kurupira*. Dizem que para chamar ele precisa ter erva-mate, a erva do *kurupira*, e o *pentyn*, o fumo sagrado. Tem que ir no meio do mato e chamar ele com as palavras antigas. Ele irá aparecer primeiramente assustando, com ventos fortes e com animais bravos e encantados, vai tentar brigar com quem o invocar, mas quem for merecedor e ficar no local irá aprender sobre todas as plantas de encantamento e a tocar todos os tipos de instrumentos. Com o tempo, o *kurupira*, de uma divindade respeitada se tornou apenas uma lenda, por causa da política de assimilação. Mas ele ainda sobrevive nas histórias e nas memórias dos Guarani.

FIGURA 31: O Kurupira



Fonte: desenho de Kiko Benites, 2019.

Djatchy djatere

Outro ser que vive na floresta é o *djatchy djatere*, ele habita livremente entre nós, Guarani. Não é um ser mal, ele é pequeno, de pele negra. Segundo as narrativas, ele vem com o *petyngua* que ganhou das divindades, ele é um ser que cuida as plantas medicinais, mas

também que anuncia tragédias e doenças. Dizem que ele assobia à noite, por isso os Guarani não assobiam à noite, porque podem chama-lo sem querer. Existe um passarinho que acompanha esse ser, dizem que às vezes ele se transforma nesse passarinho. Ele é um dos filhos de Djitchy, a divindade sagrada, o Lua. Dizem que quando ele assobia vem anunciando algum acontecimento.

FIGURA 32: O Djatchy Djatere



Fonte: desenho de Kiko Benite, 2019.

Moã Dja

Esses são alguns seres que estão nas narrativas e estão presentes entre os vários mundos que existem na terra. Outro tipos de seres são os donos das plantas, que no caso chamamos de *Moã Dja*. Esses seres são parte da natureza e estão presentes e cuidam da planta como um espírito protetor. A planta, então, teria muitas propriedades energéticas e medicinais. Mas para se ter esse conjunto de cura é preciso ter um respeito e saber lidar com o dono dessa planta. O *Moã Dja* é um ser guardião da planta. Toda planta tem seu protetor, é ele que dá a permissão para se trabalhar com uma planta.

As pessoas da comunidade, inclusive a minha mãe, dona Maria Takua, sempre diziam que era necessário falar com a planta, dizer para quem irá fazer o remédio e qual doença ela irá curar, além de pedir a permissão ao *Moã Dja* para tirar essa planta que se tornará um chá.

O *Moã Dja* é um ser espiritual que sempre trabalha em conjunto com os animais da floresta. É um ser que foi colocado para cuidar da energia de cada planta.

FIGURA 33: A representação do *Moã Dja*

Fonte: desenho de Kiko Benite, 2019.

Um dos exemplos da planta que eu vou contar é a planta *djaguarandi*. Essa é uma planta que tem o nome inspirado num animal, um gato do mato. Segundo as histórias, esse gato do mato gosta muito de comer essa planta para se energizar. A planta, então, tem um *Moã Dja* e também um espírito animal como proteção.

A planta medicinal também, às vezes, se esconde, de acordo com a dona Maria Takua. Existem algumas plantas que são iguais, da mesma espécie, mas que não têm a propriedade

medicinal certa. Isto é, uma planta pode ter uma irmã parecida, porém que não tem uma energia de cura, então só o remediero, o *opita'i*, pode reconhecer a verdadeira planta.

O *djaguarandi*, que é uma planta medicinal tradicional, tem o nome popular brasileiro de espinheira santa. Existem muitas espécies dessas plantas, que são iguais. Mas, segundo a educação corporal e a memória que trago da minha mãe explicando sobre essa planta, a pessoa que irá tirar o remédio deve conhecer a energia da planta verdadeira, pois existem vários momentos e várias luas certas para cada remédio. Então, essa planta tem o *Moã Djá*, o dono dela, tem a planta que parece com ela mas é outra e tem também o animal que cuida dela.

Odjepota vae

O *odjepota vae* está presente na nossa cosmologia, é um ser espiritual que habita as florestas e que quer ser um humano. É um ser que vive atormentando as pessoas, que quer ser gente, que muitas vezes consegue roubar o espírito humano e entrar no corpo da pessoa. É o ser que se apaixona pelo Guarani, é um ser que tenta se disfarçar entre nós, uma espécie maldita que nasceu com a maldade. Todo Guarani que não cumpre as regras necessárias pode virar um *edjepota vae*, os seres humanos que fazem a maldade às outras pessoas podem se tornar um *edjepota*, os Guarani que não rezam, que não cumprem os rituais necessários ou que não abençoam os alimentos podem se transformar nele.

5.2. As plantas encontradas na mata

Algumas das plantas que identifiquei estão presentes somente nas matas, algumas delas são árvores que têm um princípio medicinal, como o sassafrás, que fica no território da aldeia mas longe da área demarcada. A *takuara* utilizada para artesanatos e chás também é encontrada na mata, está presente na mata atlântica. As árvores para fazer o *guyrapa*, o arco e flecha, também se encontram na mata e não são cultivadas, nascem naturalmente na mata atlântica. O garapuvu é uma árvore comum nessa região, a semente é muito utilizada para fazer colar. Essas plantas são de uso artesanal ou medicinal e têm uma função importante na vida guarani. Mesmo não sendo cultivadas fazem parte do contexto indígena.

A mata, para os Guarani, é um ser vivo que possui espíritos bons e maus. Os animais também fazem parte dessa relação social. A mata tanto pode te dar a vida como tirá-la. Por

isso, toda vez que vão entrar na mata os Guarani pedem autorização, levando o fumo como proteção, às vezes passando o *pipi guatchu* em seu corpo, como uma proteção espiritual.

5.2.1. *Kaavó*

Os *kaavó* são plantas que servem como planta de encantamento. Algumas pessoas têm esse tipo de conhecimento da magia guarani. Essa também é uma prática ancestral, pois revela todo o conhecimento de manipulação dessa energia.

O *kaavó* é a manipulação da energia dessas plantas, serve como um instrumento também de proteção. São usados como planta de poder. Existem muitos tipos diferentes, que representam a água, a terra e o ar, mas nem todos os Guarani têm essa prática e sabem manipular essa energia e os rituais para fazer um *kaavó*.

Essa prática é pouco divulgada porque se guarda segredos. Os anciões conhecem mas não divulgam, disfarçam e desconversam quando é falado do *kaavó*. Por serem plantas usadas para proteção e encantamento, esse conhecimento é repassado apenas para algumas pessoas da família. Uma das formas para se aprender sobre o *kaavó* é aprender com os mais velhos, depois de se fazer a maioria dos trabalhos que eles pedem e ganhar a sua confiança, eles ensinam essa prática.

Segundo Marcia Antunes Paraguaçu, uma professora e especialista em plantas, o *kaavó* é um segredo que foi repassado ao longo do tempo, mas que os jovens estão esquecendo ou não valorizam. Ela me disse que o *kaavó* é como se fosse um afrodisíaco e algumas pessoas necessitadas ou com problemas de autoestima podem utilizar esse tratamento do *kaavó*.

Coloco aqui uma preocupação quanto à ética de se publicar algumas plantas do *kaavó*, por isso resolvi não colocar nomes. Mesmo assim penso que é importante os Guarani conhecerem essas plantas, pois estão também relacionadas com a cosmologia e com os conhecimentos sobre a mata.

Essa prática na comunidade de Mbiguaçu não existe, talvez não tenham me contado explicitamente por ser um segredo. Mas estudando o uso do *kaavó* consegui identificar algumas dessas plantas presentes no território da aldeia.

A dona Marcia conhece e trabalha com essas plantas de manipulação de energia. Essas plantas estão presentes nos territórios guarani e muitos ainda não conhecem nem mesmo as

narrativas dessas plantas. Não é simplesmente uma erva e sim um conjunto de ervas que tem o poder e a energia de encantar. Contudo, para mexer com *kaavó* é preciso ter respeito por todos os donos das plantas, como expliquei antes.

5.2.2. Moã

Uma das principais formas de transmissão de conhecimentos é a observação e a oralidade, onde a criança é um sujeito que ajuda no processo de transmissão da cultura através das brincadeiras e também do brincar de fazer. As mães são as principais formadoras da identidade da criança, seja a mãe ou a grande mãe (avó). A criança aprende através desses ensinamentos cotidianos, por isso resolvi compartilhar algumas anotações que aprendi e me lembro, que fazem parte do meu processo de cura. Algumas dessas anotações fazem parte da memória de Dona Maria Takua, de seus ensinamentos, de suas lições práticas de vida.

Essas anotações são importantes, pois foram uma forma de registrar o uso dos remédios guarani. Mesmo com todas as informações, ressalto que a maneira de fazer deve se deixar para o preparador do chá, pois há uma grande energia que deve ser manipulada.

Não colocarei aqui os nomes das plantas somente em Guarani, pois creio que elas poderão servir futuramente tanto para indígenas e quanto para não-indígenas, para a cura e também proteção do corpo e do espírito.

As plantas que cito fazem parte também da cultura popular brasileira e podem ser encontradas facilmente na mata ou em uma floricultura.

TABELA 1: Plantas e os seus usos

PLANTA	MODOS DE USAR
alecrim	podem ser usadas as folhas frescas e secas; feito o chá serve contra vermes, contra gripe e feito em compressa serve para tirar a dor de cabeça e afastar as más energias.
alfavaca	feito chá serve para as dores musculares, em compressa serve para aliviar também as dores corporais, serve para tirar as infecções respiratórias; feita como óleo serve também para acalmar o corpo e espírito; não deve ser ingerida por gestante, pois também é abortiva; serve contra mosquitos e atrai a pessoa amada.
alfavaca doce	serve para fazer chá, serve como calmante.
arnica	é cicatrizante, serve para tirar o inchaço, deve ser usada em compressas.
arruda	serve para acalmar o espírito, serve para tirar os vermes, controla a cólica menstrual, combate piolhos e sarnas; ela também não pode ser ingerida pela gestante pois é abortiva.
artemísia	serve para acalmar os nervos, usada para tirar dor de cabeça; serve para aliviar a cólica menstrual; não pode usar em excesso pois causa perturbações.
avenca	feita em forma de chá serve como expectorante, é diurética e sedativa.
badana	feita em compressas serve para tirar feridas, picada de cobra; feita como chá ajuda no tratamento de cistite e cálculo renal, não utilizar em grávidas e crianças.
babosa	serve para tirar feridas.
bambu	serve para fazer casas, como alimento; aquele pozinho branco serve contra picada de cobras.
calêndula	feita em compressa ajuda na queimadura; as suas folhas secadas e colocada no fogo servem como arte divinatória.
camomila	feito em chá combate a insônia.
cana do brejo	é diurético, ajuda a combater o distúrbio menstrual.
canela	é bom para fazer chá, serve contra a gripe; é usada para trazer bons fluidos.

capim rosário (<i>kapia</i>)	serve para os males dos rins; regula a menstruação; sua semente usada em colar serve contra os maus espíritos. [afasta maus espíritos?]
carqueja	ajuda o fígado; serve para tirar a gripe e tirar dores de cabeça.
cheiro de mulata	estimula a menstruação; ajuda a espantar os maus espíritos.
capim cidreira	ajuda no combate à insônia
confrei	feito em compressa é cicatrizante.
damiana	estimulante sexual, porém também é tóxica.
dente de leão	estimula o apetite, geralmente ela é consumida; serve para espantar a saudade caso você assoprar a flor; alucinógeno.
erva alfazema	bom para fazer óleos, cheiroso, ajuda na massagem.
erva baleeira	serve para acalmar as dores musculares, tratar infecções bucais, dores de dente, não tomar; se fizer um tipo de vassoura serve para limpar as más energias.
erva de cuitelo	serve para as crianças, feito como chá contra as dores de barriga.
erva de unha de gato	bom para tirar infecções estomacais, vermicida.
erva de sapo	ajuda no combate a hemorroidas, é abortiva.
erva de santa maria	combate os vermes; bom para tirar a ressaca alcoólica; utilizada no tratamento de parasitas, se colocada os ramos na casa elimina as pulgas e percevejos.
erva-doce	serve como expectorante; ajuda a combater a cólica, não ingerir em excesso.
espinheira santa	serve como para tirar dores de estômago, úlceras; diminui o leite materno.
eucalipto	expectorante, antiasmático, feito como sauna natural; pode se utilizar o seu vapor, ferver o eucaliptos em uma panela, colocar uma toalha por cima da cabeça, usar o seu vapor; é usado em rituais de curas por diversas culturas.
funcho	expectorante, não pode ser utilizado em excesso.
gingibre	bom para tirar a dor de garganta, a tosse; pode ser diurético, ajuda no emagrecimento; bom para a voz.
gervão	ajuda no tratamento de vermes; tira dores de estômago; contra feitiço.

guaco	bom para tirar a tosse.
guaraná	estimulante natural.
guiné	contra feitiço; em compressa serve para tirar a dor de cabeça; também ajuda contra os maus espíritos.
hortelã	expectorante, ajuda a combater o mau hálito; também na prevenção dos vermes.
louro	bom para fazer óleo, é sagrado em diversas culturas; usado na culinária, bom no meio do feijão; feito com incenso traz boas energias e curas; se feito chá é alucinógeno.
losna	estimulante do apetite, bom para dor de estômago; cuidado com ele, não deve ser usado em excesso.
malva	serve para tirar furúnculos; ajuda no gargarejo, tira a dor de dente; se plantar na horta ela evita insetos; na casa se utiliza os galhos também.
manjericão	usado na culinária, o chá serve para dor de bexiga; serve para tirar inflamações; é usado como afrodisíaco, para amor ou sorte; todos os tipos de manjericão são abortivos se ingeridos em excesso, não dar esse chá as grávidas
manjerona	usado na culinária, seu chá serve para dar o sono dos justos, calmante; pode ser utilizado na magia para enfeitiçar alguém, cuidado ao praticar .
melissa	bom para dar sono, combate a insônia, relaxa os músculos; serve contra a gripe; conhecida como erva cidreira, tem vários nomes.
mil folhas (novalgina)	bom para cicatrizar e lavar as feridas.
noz moscada	ajuda a facilitar o parto; alivia cólicas menstruais.
orégano	muito usado na culinária, é igual a manjerona.
pariparoba (djaguarandi)	não vou escrever muito em guarani e nem as plantas sagradas, mas esse chá é bom, ajuda no combate aos vermes, tira a tosse; serve como proteção; usada como planta de magia, mas o cheiro é esquisito, cheira a cachorro molhado.
pata de vaca	lembra uma pata de vaca, serve como diurético; bom para diabetes; dores no estômago; mas existem três ou mais espécies e cada uma é bom para tirar uma doença, cuidado não pode usar em excesso.

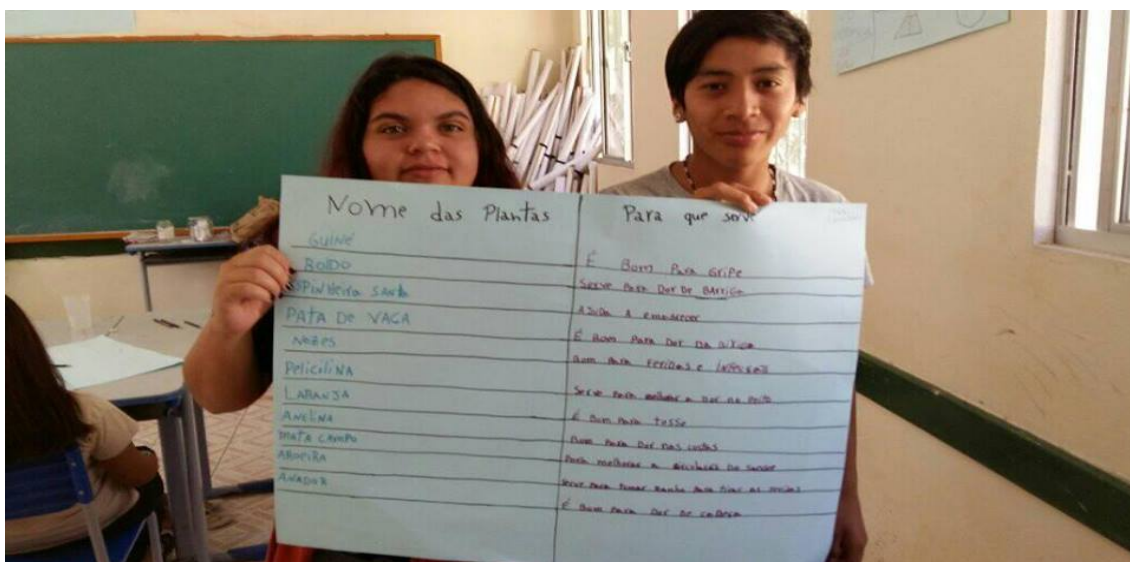
picão	ótimo, faz as pessoas que não têm fome comer, serve para abrir o apetite; ajuda a combater a tosse, deve ser feito chá para as crianças doentes.
poejo	bom para usar com bebes e crianças, é vermífugo; é bom para se ter em casa, não utilizar em excesso.
quebra-pedra	quebra as pedras do teu corpo, usado contra as pedras nos rins, bexiga; hipertensão; na expulsão do cálculos renais, é muito bom, mas cuidado existem dois tipos, um deles não se pode tomar pois é o falso.
sabugueiro	bom para tirar a tosse brava; é laxativa; serve como anti-inflamatório; sua raiz pode ser usada na magia, suas folhas também.
tranchas (tanchagem)	muito bom para tirar dor na garganta; regula a menstruação; bom para tirar a tosse; tirar as sementes, pode causar a tua salvação ou tua morte.
urtiga	bom para fazer roupas, não deixar encostar na pele, pois dói muito.
urucum	planta sagrada utilizada para fazer pinturas corporais, pode ser usada na culinária; é o antídoto para a cozido da mandioca braba; é usado como laxante; para tirar a dor de estômago, usar apenas as sementes.
verbena (vervena)	serve para tirar o feitiço da bruxa, na linguagem popular também chamada de quebrantosa.

6. CAPÍTULO 4: OS ESTÁGIOS NA ESCOLA SOBRE O TEMA AMBIENTAL

Os estágios na minha comunidade foram referentes à temática ambiental. Esse foi um espaço importante para mim sair da minha zona de conforto, sendo professor há sete anos na comunidade. Primeiro fiz o estágio de observação, vendo os professores trabalharem interdisciplinarmente. Consegui fazer um primeiro projeto de aula sobre as plantas medicinais tradicionais guarani no mês de julho de 2018, com a turma de 8º e 9º ano. O objetivo foi fazer com que os educandos conseguissem compreender a importância das sabedorias tradicionais sobre as plantas, aprendendo os aspectos do bioma da mata atlântica, da flora e da fauna, e a

cosmologia guarani. Os conteúdos abordados foram: (1) a cosmologia guarani; (2) os saberes tradicionais guarani, as plantas medicinais; (3) os métodos de plantio e colheita; e, (4) os métodos para fazer os chás. Esse primeiro estágio foi importante, pois consegui envolver todos os alunos. Analisamos o nosso bioma e os animais, os resultados foram bem positivos. A minha auto-avaliação sobre o meu estágio foi que eu consegui alcançar meus objetivos, que era despertar a curiosidade e o respeito da cultura das plantas medicinais. Vi que os alunos conseguiram entender a importância da educação corporal.

FIGURA 34: Fotos dos alunos registrando as plantas



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

A minha maior dificuldade foi encontrar materiais pedagógicos que ajudassem a compor as aulas, mas mesmo assim consegui fazer uma aula interativa.

FIGURA 35: Aluno reconhecendo a planta medicinal

Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

O segundo estágio docência foi realizado nas turmas de ensino médio técnico em meio ambiente, na Escola Whera Tupã Poty Dja, nas áreas de ambientais, na química, física, biologia e conhecimento indígena a partir da educação da Cerâmica Guarani. O projeto deste estágio docência foi trazer a história, a educação corporal guarani, a arte de mexer a energia da terra, interagindo com as metodologias de ensino das áreas exatas, químicas e biológicas. Fazendo, assim, uma educação interdisciplinar com o conhecimento tradicional e escolar guarani. Escolhi esse tema da Cerâmica Guarani porque tinha a ver com meu projeto de pesquisa, o meu propósito foi trabalhar a cerâmica e a importância da Terra, com o objetivo de reconhecer e estabelecer uma relação íntima com a mãe terra. Quis trabalhar a conscientização da *Yvyrupa* através das práticas e modos de fazer a cerâmica, além de ver e entender as narrativas e compreensão de mundo guarani da nossa comunidade Yyn Morontchi Whera.

FIGURA 36: Os professores Adailton e Anildo fazendo o *petyngua*



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

FIGURA 37: O *petyngua* (cachimbo sagrado)



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

Comecei com aulas práticas, amassando a argila preparada. Trouxe os convidados, que foram o professor Adailton, que ensinou a técnica de fazer o *petyngua*; o professor Caio Montenegro, que fez uma roda de conversa sobre o Caminho do Peabiru e os lugares

sagrados; a professora Rita, que ensinou a técnica do acordelado para as crianças; e, ainda, a professora Celita Antunes, que nos ensinou sobre as mandalas e os símbolos sagrados.

FIGURA 38: Takuadju (Franciele), aluna, e as Cerâmicas Guarani



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

As aulas de cerâmica mostraram a importância de se trabalhar a terra, de ver ela em vários aspectos, seja na parte física, jurídica ou espiritual. Percebi nos alunos uma memória, nas narrativas sobre essa prática cultural da cerâmica guarani. Trazer essa sabedoria para sala de aula foi de grande responsabilidade, discutimos sobre o direito originário da terra, de trabalhar a espiritualidade e a energia medicinal nela, de ver como foi criada a partir da nossa própria cosmovisão, de ver os objetos saindo a partir dessa prática, de viver a arte corporal guarani. Toda essa proposta foi pedagógica, com a participação dos alunos e da comunidade escolar. Pretendo fazer mais projetos sobre a cerâmica e educação ambiental.

FIGURA 39: A mandala de Nhamandu (Sol), a energia da Terra



Fonte: Acervo de Daniel Kuaray, 2019.

7. CONCLUSÃO

As plantas medicinais são uma parte significativa do nosso movimento de educação corporal, saúde e prevenção, além de mostrar a importância do nosso território tradicional. Essa pesquisa foi muito importante para fortalecer o *Nhandereko*, a minha própria história, a minha comunidade. Nesses anos de pesquisa pude entender um pouco mais da própria cosmovisão guarani.

As plantas registradas aqui neste trabalho serão importantes para o reconhecimento da nossa própria maneira de ver a Terra, de sentir a energia e interagir com o meio ambiente. Também modificamos ao nosso redor, mas respeitamos as nossas matas, porque ela é parte do nosso *Nhandereko*.

A Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica me proporcionou, como indígena e como pesquisador, olhar para dentro da minha própria cultura, registrando as nossas especificidades, as nossas tradições e rituais sagrados. Sendo Guarani Nhandeva-Tchiripa e pesquisando a minha própria cultura percebi vários momentos importantes e registrei e aprendi com cada situação vivida.

As plantas medicinais fazem parte da nossa vida, é fundamental saber e valorizar o nosso próprio conhecimento. Com o avanço dos remédios farmacêuticos, essa prática e conhecimento tradicional vem sendo substituída, por isso precisamos conhecer nossos *moã kaaguy*, pois existe toda uma história e muitos conhecimentos por trás de cada planta sagrada.

Essa pesquisa é só um ponto de partida. As plantas medicinais merecem ser respeitadas, o conhecimento tradicional deve ser repassado e esse registro é uma nova forma de reconhecer a nossa própria história indígena. Pretendo desenvolver muitas pesquisas sobre as plantas medicinais tradicionais guarani. Fico feliz por ter retomado as memórias de Dona Takua, a minha mãe, e todo o ensinamento da educação corporal guarani. Sigo pesquisando as formas de prevenção e cura tradicional, respeitando sempre o nosso modo de ver o mundo.

AGUYDJEVETE.

8. REFERÊNCIAS

8.1. Bibliografia

BENITES, Sandra. **Nhe'ẽ, reko porã rã**: nhemboea oexakarẽ. Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural) – LII/UFSC, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Diogo de. **Arandu Nhembo'ea**: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0284-D.pdf>

PEIRANO, Mariza. **Apontamentos sobre os rituais, eventos e política**. In: Anais eletrônicos do 26º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2002. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-26-encontro/gt-23/gt20-19/4502-mpeirano-apontamentos/file>.

8.2. Entrevistas

Dona Celita Djatchuka

Allan Karai Yvydju

Dona Marcia Paraguaçu

Marcelo França